



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNICA

DEBORAH GADELHA ESPÍRITO SANTO

**ASPECTOS INTERDISCIPLINARES NO CEMITÉRIO DA SOLEDADE:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICA CONCEITUAL ACERCA DO ESPAÇO
CEMITERIAL**

**BELÉM – PA
2024**

DEBORAH GADELHA ESPÍRITO SANTO

**ASPECTOS INTERDISCIPLINARES NO CEMITÉRIO DA SOLEDADE: UMA
ABORDAGEM SISTÊMICA CONCEITUAL ACERCA DO ESPAÇO CEMITERIAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará – Campus de Castanhal. Defesa de Mestrado apresentada como um dos requisitos para o cumprimento parcial das exigências para obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto do Canto Lopes.

**BELÉM – PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da
Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237a Santo, Deborah Gadelha Espírito.
Aspectos interdisciplinares no cemitério da Soledade : Uma abordagem
sistêmica conceitual acerca do espaço cemiterial / Deborah Gadelha Espírito
Santo. — 2024.
116 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Paulo Roberto do Canto Lopes Coorientação:
Prof^a. Dra. Jose Guilherme dos Santos Fernandes Dissertação (Mestrado) -
Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Castanhal, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Antrópicos na Amazônia, Castanhal, 2024.

1. Interdisciplinaridade . 2. Sistemas Complexos . 3. Cemitério da
Soledade . 4. Feira livre da Batista Campos. I. Título.

CDD 128

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA
AMAZÔNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

**ASPECTOS INTERDICIPINARES NO CEMITÉRIO DA SOLEDADE: UMA
ABORDAGEM SISTÊMICA CONCEITUAL ACERCA DO ESPAÇO CEMITERIAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará – Campus de Castahal. Defesa de Mestrado apresentada como um dos requisitos para o cumprimento parcial das exigências para obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto do Canto Lopes.

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

Aluno (a): Deborah Gadelha Espírito Santo

Orientador: Paulo Roberto do Canto Lopes

Coorientador: José Guilherme

Membros:

1. prof. Dr. Paulo Roberto do Canto Lopes

2. Prof. Dra. Denise Machado Cardoso

3. Prof. Dr. Joao Batista Santiago Ramos

Data: 26.11.2024.

In Memoriam, daquele cujo o corpo a morte levou, mas que estará sempre em nossas lembranças. Ao tio Raimundo Nonato dos Santos. Nunca vou esquecer da sua celebre frase: “Que se dane o mundo que eu me chamo Raimundo.”

* 31/08/ 1946

+ 04/05/2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ao universo pela força e pela coragem, aos guias, que me ajudaram a superar cada obstáculo e dificuldade que encontrei pelo caminho e não foram poucos, mas com fé e força conseguimos;

Aos meus familiares que contribuíram de forma direta e indiretamente para realização deste trabalho, em especial as minhas tias, Maria de Lourdes e Terezinha de Jesus;

Ao meu pai Irineu do Espírito, por acreditar e sempre me incentivar a seguir;

Aos meus irmãos, Ivan Gadelha e David Nelson, que mesmo com nossas diferenças, sei que sempre torceram por mim;

Ao meu querido Silvinho da Costa que me incentiva e acredita no meu potencial, esteve o tempo todo ao meu lado nesta reta final, muitas vezes acalmando meu coração com palavras de amor e carinho;

À querida amiga Taís Alcantara que não mediu esforços em me ajudar na fase inicial na escrita do pré-projeto de mestrado;

Ao querido Anderson Fontes que me ajudou a organizar a documentação para submissão do projeto e inscrição no programa de pós graduação;

Ao programa de Pós Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, bem como a Universidade Federal do Pará. A sociedade precisa de universidades públicas, sou grata por ser fruto da UFPA, tanto na graduação, quanto na pós;

A todos os docentes do programa de pós graduação em especial ao meu orientador, Paulo do Canto, por me incentivar e acreditar na realização deste trabalho, pela dedicação para comigo, esteve sempre apostos para me auxiliar no que fosse preciso, dedico os meus sinceros agradecimentos;

Aos professores que fizeram parte da banca examinadora, tanto na qualificação, como na defesa final, pelas contribuições e sugestões que foram essenciais para finalização desta dissertação, professora Denise Cardoso e professor João Batista;

Aos colegas de curso, especialmente, aos amigos, Carmen, Denílson, Stell, Sarah, keyla e Joice, nossos encontros depois das aulas foram essenciais para que todo o nosso esforço e trabalho, valessem a pena;

Aos trabalhadores da feira da Batista Campos e todos que contribuíram para meu trabalho;

À equipe de arqueologia, em especial, Renata Maia, Marcelo Laredo e Otávio Vinhote;

À minha querida amiga Marjore Lacerda que foi essencial nesta etapa final, meus sinceros agradecimentos;

À Editora Ler Amar e que com sugestões brilhantes auxiliou na finalização desta dissertação;

Aos amigos de farra e de vida, não citarei todos os nomes para não ser injusta, mas todos foram essências, principalmente nos dias em que eu precisei relaxar a mente;

Agradeço também a duas pessoas que foram primordiais nesta caminhada, Samuel Reis e Conceição Lopes;

Ao grupo de filosofia temática que me auxiliou em meu crescimento acadêmico;

Ao meu amigo e irmão de luz, com carinho Abert Matos, pelas longas conversas que me ajudaram nesse processo;

À Alda Cléia que me ajudou perceber e resolver muitos problemas nesta reta final;

Ao querido amigo Hudson pelas longas conversas e palavras de incentivo;

Ao amigo Leandro Matos que a docência me deu de presente e no qual sou grata pela amizade e ajuda que me concede em dias bem turbulentos;

A todas as pessoas que acreditam e torcem por mim, e que irão tomar champanhe comigo, dedico os meus sinceros agradecimentos!

“E depois que a terra morrer, daqui a uns 5 bilhões de anos, depois que ela for calcinada ou até tragada pelo sol, surgirão outros mundos, estrelas e galáxias – e eles nada saberão de um lugar outrora chamado terra”

Carl Sagan

RESUMO

A partir do viés interdisciplinar entre a Filosofia Temática e a Arqueologia, o presente trabalho objetiva mostrar o processo de pesquisa realizado no Cemitério da Soledade, construído em 1848 e inaugurado em 1850, na cidade de Belém-Pa. Esta dissertação também objetiva compreender a relação dos feirantes que trabalham ao entorno do cemitério com o espaço cemiterial. Para tanto, teve-se como base a interdisciplinaridade, trazendo uma análise filosófica no contexto da Filosofia Temática, a partir dos sistemas complexos e juntamente com a Arqueologia. Isto posto, desenvolveu-se uma pesquisa importante para o âmbito social e acadêmico, capaz de ir além das fronteiras disciplinares no intuito de que tenha uma efetiva articulação entre as diferentes áreas do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade; Sistemas complexos; Cemitério da Soledade; Feira livre da Batista Campos.

ABSTRACT

From the interdisciplinary bias between Thematic Philosophy and Archaeology, the present work aims to show the research process carried out in the Soledade Cemetery, built in 1848 and inaugurated in 1850, in the city of Belém-Pa. This dissertation also aims to understand the relationship of the stallholders who work around the cemetery with the cemetery space. To this end, interdisciplinarity was based, bringing a philosophical analysis in the context of Thematic Philosophy, from complex systems and together with Archaeology. That said, an important research was developed for the social and academic sphere, capable of going beyond disciplinary boundaries in order to have an effective articulation between the different areas of knowledge.

KEYWORDS: Interdisciplinarity; Complex systems; Soledade Cemetery; Batista Campos street market.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	11
LISTA DE TABELAS.....	14
LISTA DE SIGLAS.....	15
1. INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I: Posicionamento geográfico e histórico do cemitério.....	22
1.1. Tabu da morte.	21
1.2. A morte e suas formas	24
1.3. Apontamentos Históricos e Geográficos do Soledade.....	25
1.4. A relação do Romantismo aos mausoléus do Soledade.....	27
1.5 Processo de Tombamento e Preservação do Soledade	33
1.6. Aspectos recentes e Restauração do Cemitério da Soledade	41
CAPÍTULO 2 – Elementos sistêmicos no cemitério da Soledade.....	46
2.1. Pressupostos da teoria dos Sistemas Complexos	46
2.2. Conceitos sistêmicos e a relação com o cemitério.....	50
CAPÍTULO 3: Processos Metodológicos e Materiais	55
3.1. Tipo de Pesquisa	55
3.2 Pesquisa de Campo: Escavação e embargo	57
3.2.1. Embargo da obra no Cemitério da Soledade.....	57
3.2.2 Processo de embargo da obra no Soledade	58
3. Processo de Escavação e novo pórtico do cemitério da Soledade	65
3.3. Participantes	81
3.3. Benefícios da pesquisa.....	83
3.4. Riscos da participação:.....	83
3.5 Critérios de sistematização em campo:.....	84
3.5. Critério de Inclusão dos participantes:.....	84
3.6. Critério de Exclusão dos participantes:.....	84
3.7. Procedimento	84
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES	86
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS	104
APÊNDICE.....	112

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Lembranças e saudade.....	30
Figura 2: Anjo alado	31
Figura 3: Símbolos.....	32
Figura 4: Túmulo Cemitério da Soledade.....	33
Figura 5: Escavação Arqueológica	34
Figura 6: Pedras de gratidão dos devotos	35
Figura 7: Sinal de Agradecimento	35
Figura 8: Túmulo de Raimunda Picanço	36
Figura 9: Túmulo da Escrava Anastacia	37
Figura 10: Túmulo da “Preta Domingas”	38
Figura 11: Túmulo da Escrava Anastácia	39
Figura 12: Pórtico de entrada Oficial desde 1850.....	42
Figura 13: Destalhes do Pórtico que foi construído em 1912.....	42
Figura 14: Muro revitalizado	43
Figura 15: Capela antes da restauração.....	44
Figura 16: Revitalização da capela	44
Figura 17: Cruzeiro	45
Figura 18: Análise sistêmica da relação cemitério e feira	49
Figura 19: Túmulos no Cemitério da Soledade	51
Figura 20: Primeiros vestígios de ossadas encontradas enterradas de forma aleatória...	52
Figura 21: Túmulo do menino Zezinho	53
Figura 22: Embargo	59
Figura 23: Trabalhadores preparando o solo para recebimento hidráulico.....	60
Figura 24: Implatação do Sistema Hidráulico	60
Figura 25: Trabalhadores preparando o solo para recebimento hidráulico.....	61
Figura 26: Construção das passarelas	61
Figura 27: Implatação de canos	62
Figura 28: Preparação do sistema hidráulico	62

Figura 29: Escavação de área sem vestígios arqueológicos	63
Figura 30: Primeiros registros de vestígios ósseos	64
Figura 31: Primeira coleta de vestígios ósseos	64
Figura 32: Vestígios de ossos e crânios	65
Figura 33: Vistoria do projeto.....	66
Figura 34: Antigo depósito de guardar materiais dos feirantes.	67
Figura 35: Máquinas derrubando o antigo muro.....	68
Figura 36: Reconstrução do antigo muro.....	68
Figura 37: Medição de área para escavação arqueológica	69
Figura 38: Nível de bolha para controlar a profundidade da escavação	69
Figura 39: Demarcando os pontos para escavação	70
Figura 40: Destacando os ossos encontrados para coleta	70
Figura 41: Coleta de material arqueológico	71
Figura 42: Vestígios de arcada dentária humana	71
Figura 43: Fragmentos de ossos.....	72
Figura 44: Dentes encontrados de maneira aleatória	72
Figura 45: Destacando os ossos para análise	74
Figura 46: Montante de fragmentos ósseos e dentes	74
Figura 47: Coleta de material para laboratório	75
Figura 48: Coleta de material – segunda parte	75
Figura 49: Curadoria dos ossos no laboratório Denise Schaan	76
Figura 50: Curadoria ossos e dentes	76
Figura 51: Descarte indevido de resíduo da construção	77
Figura 52: Escavações realizadas de maneira indevida	77
Figura 53: Escavações realizadas de maneira indevida	78
Figura 54: Azulejos históricos	79
Figura 55: Pedacos de vidro e cerâmica	79
Figura 56: Fragmentos de tijolos e azulejos	80
Figura 57: Coleta de vestígios arqueológicos	81
Figura 58: Organização dos vestígios coletados.....	81
Figura 59: Barraca de frutas.....	87
Figura 60: Barracas Variadas.....	88
Figura 61: Barraca de farinha	88
Figura 62: Mariscos	89

Figura 63: Barraca de verduras	89
Figura 64: Grupo de feirantes envolta do Soledade.....	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Participantes.....	82
Tabela 2- Organização por idade, escolaridade e gênero	82
Tabela 3- Critérios de sistematização	84
Tabela 4- Organização da feira	90
Tabela 5- Ponto de vista dos feirantes	90

LISTA DE SIGLAS

IPAHN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEP – Museu do Estado do Pará

TGS – Teoria Geral do Sistema

SECULT – Secretaria de Cultura

1. INTRODUÇÃO

O objetivo essencial desta dissertação de mestrado é identificar e analisar os elementos sistêmicos que integram o espaço cemiterial do Soledade. Para tanto, foi necessário dialogar com outras duas áreas do conhecimento, fazendo uma análise interdisciplinar entre a Filosofia, mais especificamente a Temática, ao serem utilizados os conceitos dos Sistemas complexos, e a Arqueologia, no que se refere aos vestígios arqueológicos encontrados no cemitério. A Arqueologia foi essencial nesta pesquisa, já que através dela, dos vestígios materiais encontrados em pesquisas, de uma maneira geral, pode-se compreender as lacunas existentes nos textos e nos documentos históricos das sociedades.

Nesse sentido, a Arqueologia possibilitou, ao longo desta dissertação, o entendimento de que a reconstrução do cemitério da Soledade não poderia ser feita sem os devidos conhecimentos sobre o seu passado, pois o presente não é desconectado do que passou. Na verdade, somente com este saber de outrora, adquirido através de textos, cartas, ou vestígios, há a ressignificação do passado humano belenense afim de se compreender as complexidades e questões estruturais atuais, sem que ocorra a perda do seu valor cultural.

Investigar o passado, por esse viés, é importante para se compreender como se forjou o presente na construção sociocultural, econômica e política da cidade de Belém. Estudar a arqueologia do lugar, o espaço, o contexto dos túmulos, torna-se crucial, caso se queira estudar as relações existentes do cemitério com o seu entorno por meio de um olhar filosófico e arqueológico.

A partir desta perspectiva, a palavra *dinâmica* é utilizada para caracterizar o movimento, o devir, a transformação, bem como as contradições presentes no espaço cemiterial, haja vista que muitas mudanças ocorreram ao longo dos séculos, trazendo com elas a ressignificação deste lugar. E todas as áreas citadas, em conjunto, levaram a uma análise dinâmica do espaço cemiterial¹ como um lugar amplo e abrangente que contempla inúmeros elementos, sejam eles naturais ou criados pelo ser humano, segundo defende Santos (2008), ao entender o espaço tal “o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não” (Santos, 2008, p. 46)

O Cemitério Nossa Senhora da Soledade, localizado na cidade de Belém do Pará, é um espaço multidisciplinar, onde diferentes áreas do saber podem desenvolver

¹ O conceito de espaço utilizado nesta dissertação perpassa pela ótica de Milton Santos, segundo o qual, o espaço é “algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana” (Santos, 2008, p. 46)

pesquisas com relação à paisagem² do local, com as árvores; com animais que lá habitam; com as grades de ferro que compõem muitos túmulos, com toda a sua estrutura arquitetônica; com a memória, cultura e história. Devido a isso, a paisagem está em relação com a história e para que se possa entendê-la, a arqueologia entra em cena, pois “o estudo da paisagem em Arqueologia envolve questões complexas sobre as maneiras com que os povos antigos, conscientemente ou não, moldaram seus espaços sociais e culturais” (Fagundes, 2009 p. 302). Lembra Rodrigues (2014) que o cemitério foi construído em 1848 na capital paraense e encerrou os sepultamentos em 1880. Porém, há indícios que mostram túmulos e jazigos com datações que ultrapassam a data oficial de enterramentos no Soledade.

Levando isso em consideração, a problemática para a construção da pesquisa versa sobre a referida questão: qual a relevância de um estudo interdisciplinar sobre o Soledade, baseado na visão sistêmica dos Sistemas Complexos, para se entender a relação do cemitério com os feirantes ao seu entorno? A Teoria dos Sistemas Complexos torna-se essencial à compreensão dos elementos basilares envolvidos no espaço cemiterial.

Pelo ponto de vista sistêmico e de seus conceitos como os processos de informação, organização, auto-organização, linearidade, parâmetros de ordem e controle, bem como o conceito de *affordances*, compreender-se-á a construção do pano de fundo que envolve o espaço cemiterial do Soledade, logo nos levando a compreensão de um todo sistêmico. Nesse sentido, os conceitos referentes a Teoria dos Sistemas Complexos serão desenvolvidos ao longo desta dissertação e serão necessários no entendimento de que os projetos de sejam quais forem as reformas, ou requalificações do cemitério, devem envolver todos os agentes sociais que se relacionam com o local, não podendo os excluir ou invisibilizá-los, já que existem e reexistem durante anos ali.

Antropização é ação do ser humano no meio ambiente, ou a forma dele manejar todos os recursos naturais para sua subsistência transformando o meio em que vive para melhor adaptar-se. No decurso dos séculos, os povos nômades seguiam de região em região em busca de alimentos para se protegerem das intempéries da natureza e dos predadores. Tais povos passaram a desenvolver técnicas para elaboração de instrumentos de caça.

A partir das técnicas e instrumentos tecnológicos eles passaram a ser o principal predador tanto fauna quanto da flora. Isto posto, as intervenções no meio ambiente

² O conceito de paisagem, aqui, apresenta sintonia com a Arqueologia.

causadas pelo ser humano carregam em sua história as mudanças nas condições de viver em sociedade, transformando-se de nômade a sedentário e com isto, passam a estabelecer morada em determinado território, que, para tanto, resultou no desenvolvimento de uma técnica do cultivo, da pecuária. Assim sendo, aos poucos forjou-se o mundo humano que trouxe aspectos culturais, nos que diz respeito a linguagem, o saber, os símbolos, as metodologias, desenvolvendo teorias e conceitos, tudo para compreendermos as relações que vão estabelecendo as estruturas sociais, sejam elas políticas ou econômicas.

O que é produzido pelos grupos/personagens/atores ocasionam impactos ambientais que implicam em resultantes regenerativas ou degenerativas para o ambiente como: a redução ou simplificação da diversidade natural; a substituição/destruição dos ecossistemas; perda da biodiversidade. Pode, do contrário, haver grupo/personagens/atores que impactam minimamente o ambiente, de maneira tal que se tornam imperceptíveis os impactos: são as culturas ecológicas mitógena. (Fernandes; Fernandes, 2018, p. 101)

Nem sempre as ações antrópicas são positivas, nem negativas, haja vista que os povos tradicionais, por exemplo, fazem uso do meio intervindo de forma mais sustentável, isso ocorre, por possuírem uma relação diferente com a natureza, pois muitos se sentem pertencentes ao meio em que vive.

No tocante à orientação econômica, no geral, podemos distinguir a produção (o que é gerado pelo trabalho e intervenção no ambiente para garantia da sobrevivência) em valor de uso (importância do objeto gerado/extraído para a comunidade) e valor de troca (importância do objeto gerado/extraído para as trocas comerciais entre comunidades distintas) [...]. Os resultantes dos impactos nos ecossistemas são gerados pela ação humana nas diversas atividades econômicas (extração animal, mineral e vegetal; agricultura; pecuária; assentamento humano) que transformam o biótopo (clima, ar, luz solar, solo, águas) e a biocenose (seres vivos em geral, em suas interações), implicando em indicadores antrópicos, de ordem humana (saúde humana) ou ambiental (sustentabilidade ou vulnerabilidade do ambiente). (Fernandes; Fernandes, 2018, p. 101-102)

No que concerne o espaço cemiterial do Soledade, vimos que antes mesmo de sua construção, povos originários passaram por tal região, porque foram encontrados materiais arqueológicos, tais como cerâmica indígena. Com o advento do processo de secularização, houve a necessidade de criação de um cemitério a céu aberto, como já exposto neste texto, o que acarretou em uma nova forma de uso de tal espaço, trazendo

uma configuração e reconfiguração no que diz respeito a construção do cemitério até o atual contexto de transformar o Soledade em um cemitério- parque.

Para tanto, uma série de movências foram realizadas e novos olhares de diferentes áreas do conhecimento se debruçaram em entender as dinâmicas ocorridas neste lugar para analisar história do Soledade. E analisar a história de um espaço, seja ele qual for, é levar em consideração que são frutos de ações humanas que tem, em si, processos de dominação do meio natural, forjando um meio e um ser humano a um só tempo físico, psíquico, cultural, social, histórico. (Morin, 2000, p.13).

Deste modo, no capítulo 1 estão apontados os aspectos históricos e geográficos do Soledade como o contexto em que o Soledade foi construído, onde estava localizado, os enfrentamentos dos agentes sociais, neste período, principalmente referente à secularização da igreja e a perda do controle desta instituição nos sepultamentos. Além disso, abordou-se a relação arquitetônica dos mausoléus com o movimento romântico, bem como os aspectos recentes, de restauração do espaço cemiterial, que possui correlação com o passado do lugar.

No capítulo 2, explica-se os conceitos basilares da Teoria dos Sistemas Complexos, apontando o seu percurso histórico e filosófico. O segundo texto apresenta a relação dos conceitos sistêmicos com o cemitério, mostrando as funcionalidades dos aspectos materiais e imateriais encontrados no local.

Os processos metodológicos utilizados nesta dissertação, a saber, os estudos qualitativos documentais, bibliográficos e etnográficos estão alocados no capítulo 3. Ademais, explica-se o embargo da obra no cemitério da Soledade, as imagens fotográficas deste momento, o processo de Escavação e o novo pórtico de entrada do local. Os participantes da pesquisa, os benefícios, critérios e riscos no decorrer do estudo, foram, da mesma maneira, organizados neste capítulo.

Os resultados e discussões estão situados no capítulo 4, no qual se fez a análise de como funciona a feira livre da Batista Campos, além de quais as consequências da reforma para os feirantes. Também foram apresentadas as opiniões negativas e positivas dos entrevistados, além da organização dos mesmos para que a feira possa acontecer.

Esta dissertação, assim, tem como objetivo geral analisar as relações dos atores sociais com o cemitério, especificamente dos feirantes que trabalham no entorno do Soledade, contribuindo com a formação do pano de fundo do espaço cemiterial, e, com isso, desenvolver uma pesquisa que seja importante para o âmbito social e acadêmico para além das fronteiras disciplinares, que tenha uma efetiva articulação entre as

diferentes áreas do conhecimento em uma dinâmica interdisciplinar na Amazônia paraense.

CAPÍTULO I: POSICIONAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO CEMITÉRIO

O cemitério Nossa Senhora da Soledade foi construído em 1848 e inaugurado em 1850. Hoje, em pleno século XXI, se localiza no bairro da Batista Campos, próximo à Nazaré e à Avenida Serzedêlo Corrêa. O Soledade apresenta uma área aproximada de 24.000 m², além de ainda ser um local dedicado, atualmente, não apenas à memória dos entes perdidos, mas de turismo.

Chega a ser um tema complexo e um tanto paradoxal a relação entre a morte e a vida, porém, o cemitério da Soledade cada vez mais vem sendo um potente espaço de visita turística haja vista que, “a ideia de revitalização do cemitério como espaço turístico parece atraente como alternativa para evitar a sua deterioração” (Rodrigues; Silva; Dos Santos, 2023, p. 03).

Entrementes, antes de adentrarmos no tema da revitalização do cemitério da Soledade é importante sabermos a história do lugar e como ele se construiu. Vejamos abaixo.

1.1. O Tabu da morte

Chega a ser um tema complexo e um tanto paradoxal a relação entre a morte e a vida para nós, seres humanos, no entanto, “a dualidade entre vida e morte é companheira do ser humano desde épocas imemoriais” (Brito; Dos Santos, 2021, p. 126). Paradoxal, pois ainda que se evite conversar sobre ela, é inegável a sua ocorrência, já que é inerente a condição de todos os seres vivos na natureza, mas somente os seres humanos refletem sobre ela. Em pleno século XXI, a morte ainda é um assunto pouco discutido, porque envolve ausência, sofrimento, separação, rompimento e, além disso, abarca o medo do desconhecido sobre o que vem após: se mais dor, o nada, o descanso, ou a continuação, uma passagem boa para outra vida. Para Sartre, a dificuldade de se pensar na morte é porque torna-se difícil refletir acerca de um momento em que o indivíduo já não exista, “podemos imaginar um universo em que o corpo já não existirá, mas o fato de imaginar implica a consciência não somente do presente, mas do futuro” (Beauvoir, 2016, p. 558).

As pessoas parecem ter medo de falar sobre a morte, ignoram o seu acontecimento como se ela estivesse distante ou nunca fosse ocorrer. Há, na realidade, um tabu na maioria das culturas Ocidentais, onde o apego à materialidade se sobressai. Apesar de os

agentes sociais estarem inseridos num sistema capitalista, que demanda produções de bens e consumo visando o lucro acima de tudo de modo imediato, nada do que seja produzido materialmente pode ser maior do que a essência humana, do que as relações sociais.

Por isso torna-se importante que a morte seja vista como um fenômeno capaz de conscientizar a humanidade sobre a própria finitude; ela pode motivar a reflexão acerca da vulnerabilidade humana e das situações incontrolláveis e imprevisíveis da vida, aos quais independem da escolha de um ser; pode, da mesma maneira, ressignificar o olhar de alguém sob o modo de se viver, se de forma saudável, ou não. Vários foram os filósofos que teorizaram sobre a morte, mas nesta introdução, falemos apenas de Heidegger e Sartre, filósofos do século XX.

Para Heidegger, por exemplo, em *O ser e o tempo* (1989), o ser humano é o único ente capaz de compreender a sua existência, as suas limitações e questionar a si mesmo. Este ente é concebido como *ser aí* e ele está entregue ao destino, à realidade finita e imediata do mundo. Para o filósofo, a morte constitui uma limitação do *ser-aí*, haja vista que ela desvela a possibilidade do *não-ser*. Ela pode ter dois lados, um negativo e o outro positivo. Negativo se for vista apenas como o término da vida, do corpo humano, e positiva, caso seja entendida como inerente à própria vida. Ela somente é realidade para aquele capaz de entendê-la tal um fenômeno da própria existência. Nesse sentido, vida e morte caminham juntas. Nesse mesmo viés, Sartre e Beauvoir concebem a morte.

Nas últimas páginas de *A Cerimônia do Adeus* (1974/2016), Simone de Beauvoir entrevista Sartre. Em um dos momentos, a filósofa tece o seguinte comentário, “Em última instância, você tem uma visão muito serena da morte” (Beauvoir, 2016, p. 556), na qual o existencialista responde ser a morte algo natural, esperado; por esse viés, ela se opõe à sua concepção de vida na juventude cuja a prioridade era priorizar o cultural, a conquista por autoridade diante de um público; essa busca distanciava-o da ideia de pensar na morte, pois ela não era uma realidade, ou um futuro próximo, não tinha significado. Já amadurecido, encara-a como um retorno à natureza:

Mas nem por isso, a morte, como coisa séria que surge num momento dado, e que eu espero, é algo que me assusta, ou que não me pareça natural. Natural, em oposição ao conjunto de minha vida, que foi cultural. De toda maneira, é um retorno à natureza e a afirmação de que eu era a natureza (Beauvoir, 2016, p. 557).

Em *O Ser e o Nada* (1943/2015) Sartre nega a existência de um “pós-morte”, ou de existir algo além após a morte como uma alma imortal, que sobrevive apesar do

“descanso” do corpo. De modo contrária à visão cristã, na percepção sartreana a morte é o fim da existência do sujeito. Quando ela acontece leva consigo a individualidade do ser, seus desejos, planos, vivências, e imediatamente, ela adquire um caráter social, já que a experiência da morte não pode ser vivida pelo próprio ser humano, mas pelo outro. Por este sentido, a morte é irreparável, limita as possibilidades do ser, tornando-o um nada, porém, ao mesmo tempo, é importante, pois ela permite a reflexão sobre a finitude da existência, que é momentânea. Em Sartre, o ser humano é entendido com pessimismo, “um ser incompleto de totalidade inacabada, destinado à morte, vivendo em um mundo como um ser em projeto, como um ser em mudança” (Teodoro et al., 2022, p. 359).

Tratar da morte, assim, é um assunto pertinente aos vivos, aos que ficam, porque seu acontecimento faz parte da vida. Inevitavelmente, um dia nascemos, noutro, morreremos; e esta data não é prevista, pode ocorrer em qualquer idade e em situações ordinárias, impensáveis, seja num dia feliz, ou triste. Enfim, é como Clarice Lispector colocou sobre o último suspiro de Macabéa em *A hora da Estrela* (1977/1998): “a vida come a vida” (1998, p. 85), é o ciclo dos seres vivos.

A morte é o destino de quem nasce, não há o que se fazer, por isso mesmo, pode ser, a alguns, desesperador.

1.2. A morte e suas formas

Ao longo da história e nas diversas culturas existiram diferentes formas de se lidar com a morte, com o único destino possível ao término de uma vida humana. Reis (2023) lembra que nas sociedades tradicionais, por exemplo, não existia a separação dual entre a vida e a morte, entre o sagrado e o profano, ou entre os vivos e os mortos, como hoje fazemos. Nestas sociedades, se os vivos cuidassem bem dos mortos, realizando corretamente os ritos de passagem, “eles não representariam perigo espiritual ou físico especial” (2023, p. 74).

Thompson (2014 p. 96) pontua que na antiguidade grego-romana, os sepultamentos e o cultos aos mortos ocorriam fora da esfera da cidade, geralmente eram feitos nas beiradas das estradas com os familiares ao entorno. Neste sentido, as despedidas eram privadas, mais intimistas, porém realizadas com cuidado, pois os mortos não podiam ser esquecidos, deveriam permanecer na memória coletiva da comunidade. Tal qual lembra Junior e Rosa, no mundo greco-romano “a cidade é o espaço dos vivos por isso era proibido enterrar os mortos no espaço urbano, e toda a área que estava situada além dos limites das muralhas podia ser destinado aos mortos” (2018, p. 15). Vale lembrar que os mortos não eram só enterrados nas sociedades mais tardias. Os gregos, por

exemplo, cremavam os soldados mortos em batalhas como um sinal de homenagear a sua honra diante da morte. (Brito; Dos Santos, 2021, p. 131).

Após a consolidação do cristianismo na idade média, foi-se instituído uma nova prática: as despedidas deixaram de ser uma ação privada para serem coletivas, houve, assim, a aglomeração dos mortos em lugares sagrados. Segundo Thompson (2014), no período medieval, os cemitérios passaram a ser um espaço de socialização, onde até mesmo danças, festas, ritos e feiras aconteciam.

A partir do século XIII ao XV, devido, sobretudo, à ideia do Juízo final e da ressurreição dos corpos nasce a noção de individualização³. Na Europa houve a chamada “morte domesticada”⁴, ou seja, era comum as pessoas mais chegadas às famílias, como amigos ou parentes, falecerem nos quartos das suas residências, o que gerava uma aproximação entre os vivos e os mortos (Reis, 2023, p. 73). Lentamente, assim, as sepulturas coletivas são substituídas pelas individuais; por este viés, ocorre um retorno ao modelo de cemitérios da antiguidade, e é este que vai prevalecer no século XIX, onde os mortos são sepultados debaixo de grandes esculturas, as quais até hoje ainda podemos ver, nos cemitérios mais antigos, como, por exemplo, o cemitério da Soledade.

1.3. Apontamentos Históricos e Geográficos do Soledade

O surgimento do cemitério Nossa Senhora da Soledade no século XIX, de acordo com Rodrigues (2014), marca um momento histórico diverso na história de Belém, capital do Grão Pará, pois pessoas de classes menos favorecidas e das mais abastardas passariam a ocupar o mesmo espaço. Nesse período imperial, Belém construía-se lentamente, seu núcleo social era pequeno e possuía dois barros: Freguesia da Sé e Freguesia da Campina; envolta haviam propriedades rurais, as “rocinhas”, casas de campo e pomares. Neste cenário, Belém possuía não mais de 75.000 habitantes; dessas, 20.000 pessoas eram escravizadas; não havia bonde elétricos, sendo assim, o meio de transporte se dava, basicamente, a pé, a cavalo, em carruagens ou charretes (Rodrigues, 2014).

³ De acordo com Thompson, essa concepção está relacionada com a “morte de si” voltada para os seguintes três pontos, “A de juízo final, que era algo extremamente individual, a do reconhecimento de que cada indivíduo tem sua própria biografia e a do apego às coisas e às pessoas como que o indivíduo teve durante a vida” (Thompson, 2014, p. 97).

⁴ Na França, no período inicial do Iluminismo ocorreu um processo de “descristianização”, ou seja, “os pedidos de missas, as invocações de santos, as instruções para pompa funerária... diminuiu” (Reis, ano, p. 74), isto significa que os funerais estavam se tornando mais econômicos, menos “barrocos”, e esta atitude se alastrou para outras regiões europeias, de forma gradual. Nesse sentido, os indivíduos mudavam, pouco a pouco, o seu comportamento diante da morte.

A época da fundação do cemitério, a cidade passava por uma fase difícil em relação à saúde da população, já que muitas epidemias, dentre elas a febre amarela (1850), o cólera (1855) e a varíola (1870), assolaram os habitantes. Aliás, foi por essa razão que surgiu a necessidade de se construir um local no qual as pessoas pudessem ser sepultadas nas igrejas e ao redor, apropriadamente. Antes do surgimento do Soledade:

Os ricos eram sepultados em igrejas, enquanto os escravizados tinham como destino os pequenos campos-santos sem demarcações. Com as enfermidades, a demanda por enterros aumentou e, como estes eram inadequados, o governo inaugurou o Soledade, a principal necrópole pública da cidade de Belém (Rodrigues, 2023; Silva, 2023; Dos Santos, 2023).

A epidemia da febre amarela em 1850, assim, coincidiu com a necessidade ainda maior de se construir um cemitério para que os mortos fossem velados e sepultados, pois, como já exposto, naquele contexto, as famílias sepultavam os seus entes no fundo das igrejas e arredores. Foi na primeira metade do século XIX que se tem registro do primeiro caso de febre amarela no Grão Pará (Da Silva, 2020), doença que se alastrou na cidade. Para tanto, foi construído o espaço cemiterial para serem sepultadas as pessoas de grande influência econômica, as chamadas elites belenenses daquele contexto.

Essa transferência de local dos sepultamentos das partes internas para os cemitérios a céu aberto, segundo Rodrigues (2014), veio de ideias europeias, influenciadas pelos ideais positivistas e iluministas, especialmente pelas pautas de higiene defendidas pelos profissionais da medicina que consideravam prejudicial à saúde pública a prática de inumação em locais de usos recorrentes da população.

Um grande fator de tal transferência foi a condição de higiene:

(...) A fim de evitar a proliferação de enfermidades entre os vivos foram instauradas leis que não apenas proibiam enterramentos dentro de igrejas como determinavam a construção de cemitérios, espaços onde, posteriormente, seriam materializadas e eternizadas disparidades sociais entre a classe dominante da época e o resto da sociedade: os mortos ordinários (Oliveira, 2018, p. 02)

Nota-se que tais influências vão compondo os aspectos culturais dos agentes sociais deste século e elas se permeiam até mesmo na atualidade, em especial no que se refere a preservação do espaço cemiterial do Soledade. Porém, este processo não foi fácil de ser efetivado. Houve resistências a essa mudança por parte da sociedade e mesmo com a determinação da construção de cemitérios públicos emitida por uma Carta Régia, em 1801, ao governador D. Francisco de Souza Coutinho, tal determinação não foi cumprida e os sepultamentos continuaram sendo realizados nas igrejas ou nas proximidades, até os

fins do século XIX. É mais certo se pontuar que a referida mudança foi sendo efetivada paulatinamente, tempos depois:

As discussões acaloradas sobre a transferência do local de sepultamentos de mortos do âmbito das igrejas para cemitérios públicos foram apressadas por uma calamidade que atingiu fortemente a cidade de Belém: a epidemia de febre amarela, que aconteceu em 1850 (Rodrigues, 2014, p. 31).

Acentua Rodrigues (2014), ainda que esta revolta fosse geral abrangeu comerciantes e industriais, a igreja e confrarias, a população e o Estado. O processo de separação da Igreja católica das atividades exercidas no campo dos mortos não ocorreu, deste modo, de forma pacífica, sem revoltas ou resistências, já que, durante muito tempo, a Igreja esteve relacionada à manutenção da educação, da saúde, dos valores e dos moldes comportamentais.

Reitera Barriga e Paraense (2019) que certos costumes fúnebres estavam enraizados. Os solos da igreja eram considerados sagrados ao ponto de a prática dos sepultamentos fora do âmbito católico ser considerada inconcebível (Barriga, 2019, p. 01). Após anos de hegemonia sobre a população, Belém e o Brasil como um todo passam pelo processo de secularização, ou seja, de separação entre a Igreja e o Estado.

Essa separação foi ainda mais fomentada quando correlacionaram a secularização com os discursos sanitaristas:

Diante de um cenário abalado por fortes surtos epidêmicos, crescia entre a intelectualidade e os governos de meados do XIX a necessidade de se racionalizar as ações sanitárias, de medicalizar os atendimentos dos enfermos e de laicizar os rituais fúnebres (Barriga e Paraense, 2019, p. 4).

1.4. A relação do Romantismo aos mausoléus do Soledade

Ao longo da história e nas diversas sociedades, sejam elas Ocidentais ou Orientais, existiram diferentes formas de se lidar com a morte, com o único destino possível do ser humano ao término de uma vida. Reis (2023) lembra que nas sociedades tradicionais, por exemplo, não existia a separação dual entre a vida e a morte, entre o sagrado e o profano, ou entre os vivos e os mortos, como hoje fazemos. Nestas sociedades, de acordo com o referido autor, se os vivos cuidassem bem dos mortos, realizando corretamente os ritos de passagem, “eles não representariam perigo espiritual ou físico especial” (ano, p. 74).

Thompson (2014 p. 96) pontua que na antiguidade grego-romana, os sepultamentos ocorriam fora da esfera da cidade; em geral, eles eram feitos nas beiradas nas estradas, e os túmulos, além de serem individuais, possuíam indicações sobre o defunto. Vale lembrar que, ao contrário do que acontecia na antiguidade, na idade média, após a consolidação do cristianismo, os cemitérios passaram a ser um espaço de

socialização, onde até mesmo danças, festas, ritos e feiras aconteciam, apesar da resistência da Igreja sob esses comportamentos.

No período medieval se inaugura uma nova prática: a da aglomeração dos mortos nos lugares sagrados devido, sobretudo, à ideia do Juízo Final e, em especial, na crença da ressurreição dos corpos. E foi neste mesmo período que, segundo Ariès (1977), nasceu a percepção de “morte de si” ligada a três ideias, “a de juízo final, que era algo extremamente individual, a do reconhecimento de que cada indivíduo tem sua própria biografia e a do apego às coisas e às pessoas como que o indivíduo teve durante a vida” (Thompson, 2014, p. 97).

Coloca Ariès (1977) que entre meados da idade média e do século XVIII predominou na Europa a chamada “morte domesticada”, ou seja, era comum as pessoas mais chegadas às famílias, como amigos ou parentes, falecerem nos quartos das suas residências, gerando uma aproximação entre os vivos e os mortos (Reis, ano, p. 73). Já na França, no período inicial do Iluminismo, ocorreu um processo de “descristianização”, ou seja, “os pedidos de missas, as invocações de santos, as instruções para pompa funerária... diminuiu” (Reis, ano, p. 74), isto significa que os funerais estavam se tornando mais econômicos, menos “barrocos”. Esta atitude se alastrou para outras regiões europeias, de forma gradual.

No século XIX encontram-se os monumentos dentro dos cemitérios, as grandes esculturas, e há o retorno do que acontecia na antiguidade, ao modelo dos túmulos individuais aos quais citamos acima, porém, agora, objetivando sintonizar com a nova mentalidade burguesa ligada à devoção familiar.

O advento da revolução industrial proporcionou o desenvolvimento econômico do mundo contemporâneo e, com isso, trouxe uma transformação qualitativa nos processos produtivos; entre outras coisas, esse advento ocasionou o aparecimento da indústria e expandiu o comércio mundial com o surgimento da burguesia industrial e das novas doutrinas sociais e econômicas.

Vale ressaltar que o cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém do Pará, pode ser visto como um exemplar característico do período do Romantismo, com influências da Belle Époque e art-nouveau (Rodrigues, 2014).

Importante frisar que uma das características do Romantismo é a valorização dos sentimentos individuais e das emoções humanas. Este movimento evocava a plena liberdade de ação do indivíduo, além de ter sido originado, historicamente, através das revoluções sociais e industriais. Em contraponto com o século seguinte, o “Século das

Luzes”, cuja prioridade era a sujeição às normas neoclássicas, os românticos, sejam estes poetas, artistas, políticos ou cientistas, “sob a égide do individualismo total e num registro de instinto, emoção e entusiasmo, desejavam a plena liberdade de ação, evocavam a abrangente espiritualidade e privilegiavam o sentimento mais profundo” (Mucci, 1999)

Diana (2011) reitera isso e pontua que o Romantismo é um movimento artístico e cultural caracterizado pelo sentimentalismo, subjetivismo e fuga da realidade. No Brasil, este movimento também esteve aliado às diversas formas de expressões artísticas, bem como a literatura, a arte e a arquitetura. O estilo art-nouveau encontra-se presente no romantismo e simboliza o sentimentalismo. Nesse sentido:

(...) Os artistas, sentindo que o vertiginoso desenvolvimento industrial facilitava a produção de obras em série, procuraram, através de uma herança de origem romântica criar, uma forma artística – O Art Nouveau, forma espontânea e original, que também satisfizesse à sua criação individual (...)” (Da Silva, 2005, p. 08)

No Grão-Pará, sabemos da importância desse movimento para a construção do Soledade, pois esse sentimentalismo pode ser encontrado nos túmulos, quando há a super valorização das emoções diante da perda de um ente querido. As famílias exaltavam nas pedras esculpidas com requinte e pompa a eterna gratidão e saudade. As imagens abaixo ilustram bem esse sentimentalismo, bem como a influência estética do estilo da art-nouveau:

Figura 1: Lembranças e saudade



Fonte: Autoria própria

A frase da figura 2 acima simboliza o sentimento de tristeza de uma família a partir da perda de um ente querido, no qual não deixou a vaidade, mas a saudade, que se eterniza na memória, não só nas de quem os perdeu, mas também, na coletiva dos agentes sociais belenenses. Da frase também se depreende que apesar das pedrarias do mausoléu serem bem elaboradas, o que importa realmente é o afeto particular daquela família, e não a materialidade, e sim a memória.

Figura 2: Anjo alado



Fonte: Autoria própria

Podemos observar na imagem acima o estilo citado em todos os túmulos e mausoleus que compõem o espaço cemiterial do Soledade. Em destaque na figura 2, vemos o anjo alado, sinalizando a finitude da vida, a flor do cardo, que simboliza as provações vencidas. Segundo Almeida (2007), os elementos característicos deste estilo são: a utilização de elementos florais e zoomórficos, influência da arte japonesa, preferência pelas curvas, espirais, volutas, cores frias, pálidas, recusa da proporção e do equilíbrio simétrico, agilidade, elasticidade, leveza e juventude. Tais elementos que trazem belos anjos alegóricos e floridos ornamentam o espaço funerário do Soledade.

Figura 3: Símbolos



Fonte: Autoria própria

A imagem acima remonta a mais elementos que simbolizam a brevidade da vida, a ampulheta alada sinalizando o tempo que voa, a foice significa que a vida foi ceifada; a tocha invertida, a vida que foi invertida para a morte⁵. Todos os símbolos remetem à finitude e nos lembra a breve passagem neste espetáculo que é a vida. Interessante como foram feitos com cuidado, com primor, a qualidade das pedras, as “rochas” produzidas com uma estética cuidadosa, que mostram a riqueza dos detalhes a qual também pode ser observada na imagem abaixo:

⁵ Todos os significados foram retirados da Castilha sobre o cemitério Soledade.

Figura 4: Túmulo Cemitério da Soledade



Fonte: autoria própria

O Soledade faz parte da história e da memória da cidade de Belém, no que concerne a construção não só de uma cultura, mas de culturas que se construíram e se reconstruíram no lugar. Por essa razão, compreendemos que este mesmo prisma pode ser excepcionalmente fértil no esforço de entendermos o fluxo informacional caracterizador da história de nossa época e, porque não dizer, de nossas identidades.

1.5 Processo de Tombamento e Preservação do Soledade

Existem várias maneiras de se ver uma cidade e uma delas é por meio do que nelas se preserva. Atualmente são encontrados cemitérios que aparecem como referências para uma dada coletividade por diferentes valores, sejam estes históricos, artísticos ou religiosos (Castro, 2008). Mas, por quais motivos exatamente os cemitérios passam a ser considerados especiais para preservação, ou são dignos de tombamento?

Na preservação dos cemitérios estão incorporados valores aos quais não estão somente ligados ao fato de guardarem os corpos sem vida. Segundo Castro (2008), creditam-se valores religiosos, sociais, arquitetônicos, históricos ou artísticos, ambientais ligados, geralmente, a uma determinada forma de representar as cidades e

a memória coletiva. A partir do viés interdisciplinar entre a Filosofia e Arqueologia, vamos compreendendo mais claramente a importância dos tombamentos com relação aos cemitérios e, neste caso, especificamente, o espaço cemiterial do Soledade. No decorrer da pesquisa de campo com o auxílio da Arqueologia, encontramos vestígios e marcas que nos mostram o quão rico de informações e trocas dos mesmos com o agentes sociais que frequentavam ou ainda frequentam este lugar, resguardando memória e ao mesmo tempo bens culturais. Importante ressaltar que a Arqueologia é a ciência que estuda vestígios materiais da presença humana, sejam estes vestígios antigos ou recentes, com o objetivo de compreender os mais diversos aspectos da humanidade, (De Souza, 2020).

Figura 5 – Escavação Arqueológica



Foto: A autora

A imagem acima ilustra o que são tais vestígios considerados arqueológicos. Eles são objetos que são identificados nas escavações realizadas em lócus, que servem como subsídios para explicar as mudanças antropicas em um mesmo espaço.

Eles visam compreender mudanças e ressignificações nas sociedades humanas partindo de tais elementos: sítios, artefatos, restos de alimentação, esqueletos e ossos.

No que tange ao espaço cemiterial do Soledade, diante da pesquisa, foram encontrados muitos vestígios que permitem caracterizar o Soledade como um verdadeiro sítio arqueológico, bem como histórico, artístico e antropológico, haja vista que neste

espaço hoveram outras formas de uso. A imagem a baixo é um exemplo desses diferentes modos de uso.

Figura 6 – Pedras de gratidão dos devotos



Fonte: A autora

Figura 7- Sinal de Agradecimento

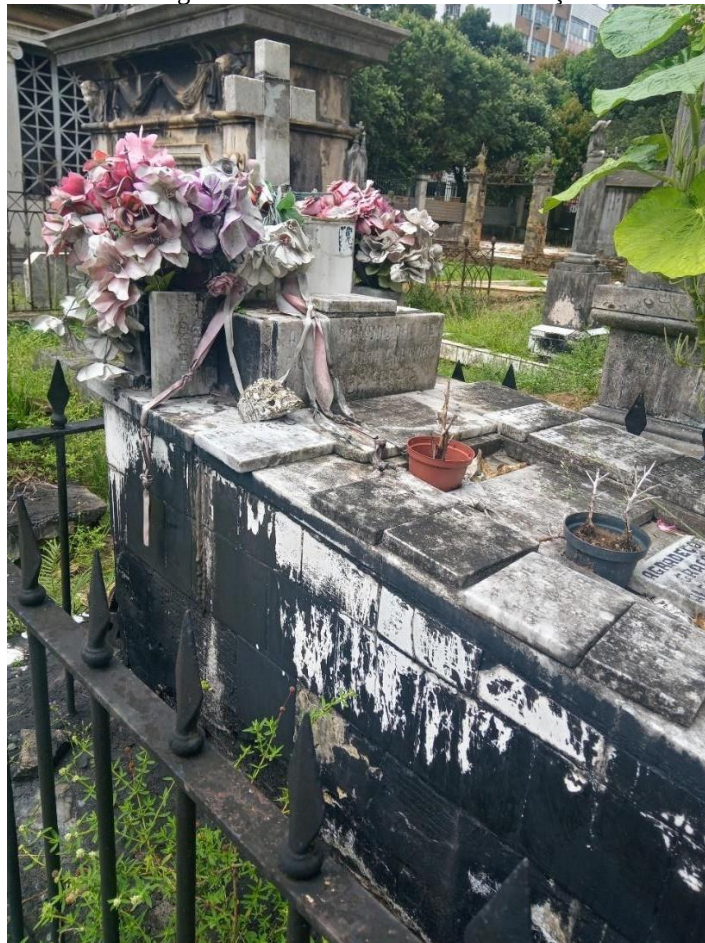


Foto: A autora

Diante das imagens, notamos muitos sinais de gratidão com relação às graças alcançadas. Os devotos, a partir de suas crenças, ressignificam as sepulturas de uma forma espiritual e religiosa.

Com o passar do tempo, um fenômeno comum a outros cemitérios deste tipo iria se desenvolver também no Soledade com muita intensidade. Trata-se da devoção às santas almas, aos santos “milagreiros” e populares, que se configura, por vezes, como uma espécie de troca material e simbólica entre vivos e mortos, ou entre o mundo físico e o transcendente. A devoção às almas consiste em visitas semanais ao cemitério, por nove segundas-feiras consecutivas, acompanhadas de orações e oferendas, na busca da obtenção de uma graça ou milagre (Rodrigues, 2014).

Figura 8: Túmulo de Raimunda Picanço



Fonte: Autoria própria.

O tumulo de Raimunda Picanço recebe muitas visitas, pois ela passa a ser considerada por muitos atores como uma alma “milagrosa”. Desta maneira, pode-se notar as ceras de velas, as flores artificiais, as fitas, as pedras de mármore com mensagens de agradecimentos.

Portanto, a preservação do Soledade não se dá apenas por critérios materiais, tais como os inúmeros mausoleus ou sepulturas que foram elaboradas com requinte

das grandes famílias de influência da sociedade da época. Além desses bens culturais materiais, há critérios de imaterialidades com relação a fé dos agentes sociais.

Isto posto, “podem-se considerar como bens culturais obras arquitetônicas, ou plásticas, ou literárias, ou musicais, conjuntos urbanos, sítios arqueológicos, manifestações folclóricas, etc.” (Ferreira, 1986, p. 247). O Soledade é, de forma abrangente, um bem material que possui relações não só dentro, porém, com o seu entorno. Entendemos como imaterialidade aqui descrita o exemplo da fé, na qual podemos notar, pelas velas acesas, pelas pedras de gratidão que são colocadas em determinados tumulos, por pessoas que alcaçaram alguma graça, como forma de agradecimento.

Figura 9– Túmulo da Escrava Anastacia



Fonte: autoria própria

A partir da imagem acima, podemos notar um exemplo de imaterialidade: as fitas representam sinal de gratidão por alguma graça alcançada, segundo Rodrigues (2014). Duas escravas estão entre o segundo e o terceiro túmulos mais visitados: Anastácia (15%) e Preta Domingas (11%).

Figura 10– Túmulo da “Preta Domingas”



Fonte: A autora

No concernente ao espaço cemiterial nota-se uma peculiaridade característica de um contexto burguês de grupos específicos da elite da bela época. Por isso, teria de haver um estudo mais aprofundado sobre as escravizadas sepultadas no Soledade; notamos a importância destes sepultamentos no lócus de pesquisa, à vista disso, em meio a um número significativos de sepulturas e mausoléus elaborados com requinte e primor, em meio a tantos ilustres e letrados, percebe-se duas escravizadas as quais ocupam a posição de destaque nas devoções dentro do cemitério (Rodrigues, 2014).

O cemitério possui uma forma diferenciada de sepultamentos, onde estruturas maiores diferenciam as classes sociais, entre a mais e menos abastadas. Nos quatro quadrantes do Soledade estão as sepulturas e mausoléus que pertenciam às irmandades: Santa Casa de Misericórdia, Ordem Terceira do Carmo, Ordem de São Francisco da Penitência e a Ordem de Santo Cristo. Os que possuem jazigo mais elaborados são os de classe mais abastadas, dentre eles, os coronéis, fazendeiros, barões da borracha. Em outra parte, estão os menos favorecidos, os que não faziam parte de nenhuma irmandade, e nem da elite, provavelmente escravizados, empregados, lavadeiras que ali foram sepultados.

Dessas pessoas os túmulos são mais simples, com exceção da “preta Domingas”, que foi sepultada em túmulo mais elaborado e com mensagem de gratidão.

De acordo com Walcyr Monteiro (2012), Domingas era uma escrava da Casa Grande e como uma forma de reconhecimento dos patrões, a sua sepultura foi construída num material de qualidade. Porém, segundo outra fonte, Heraldo Maués (2011), ela teria falecido vítima de mais tratos por seus feitores (Calluf, 2014). Seja como for, o fato é que após a sua morte, Domingas passou a ser santificada pelo povo na devoção popular.

Figura 11-Túmulo da Escrava Anastácia



Fonte: Autoria própria

Vale ressaltar que a utilização do Soledade como cemitério aconteceu durante o período de uma sociedade escravocrata, tendo a abolição da escravatura sido decretada em 1888, quando o cemitério já não recebia mais sepultamentos. Sobre o assunto, lembra Santos que a escravidão no Pará foi direcionada para “as pequenas propriedades, para serviços urbanos e para o extrativismo” (Santos, 2014, p. 04), enquanto no resto do Brasil se deu na forma do *plantation*, que abrangia a plantação de cana-de-açúcar, algodão etc.

No ano do início da construção do cemitério, mais precisamente em 1848, a população local era de aproximadamente 75.000 habitantes, sendo quase 20.000 de escravos (Rodrigues, 2014).

Mesmo havendo uma grande distância temporal entre o período da morte das duas mulheres pontuadas acima com a sociedade contemporânea do século XXI, muitas pessoas declaram saber das suas histórias e se referem aos túmulos como memoriais. É por esse viés que se faz importante a preservação dos cemitérios, especificamente se referindo ao Soledade, pois existem várias formas de olhar e analisar o uso do bem, não só pela perspectiva material, mas imaterial.

Segundo Sant'Anna (2003), com relação ao patrimônio imaterial, “não é um instrumento de tutela análogo ao tombamento, [...] que pode também ser complementar a este. [...]. O objetivo é manter o registro da memória desses bens culturais e de sua trajetória no tempo, [...]”. Tal já exposto, um exemplo desta imaterialidade existente no Soledade é a fé dos devotos com relação ao culto das almas, através da qual se faz perpetuar o bem patrimonial que no cemitério se faz presente.

Foi somente a partir da Convenção sobre o Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, ocorrido pela UNESCO, em 1972, que os países do Ocidente entenderam a importância de se preservar o patrimônio cultural imaterial. Contudo, foram poucos os países que legislaram a favor, como a França (Castro, 2008).

O encerramento de enterramentos naquele lugar foi a causa do seu acelerado processo de degradação, chegando a ser objeto de especulações imobiliárias e urbanísticas que cogitaram na sua demolição para alargamento de ruas. Em 1964, a mobilização de intelectuais da época resultou em seu processo de Tombamento como Patrimônio Paisagístico pelo IPHAN (Rodrigues, 2014.)

Percebemos que houve um interesse de determinadas pessoas para que o cemitério continuasse ocupando aquele espaço, já que o Soledade não é só um lugar para sepultar os mortos, ali, também, há história, memória, narrativas de época longínqua ao qual colaboram para construção das identidades locais. Segundo Rodrigues (2014), a questão identitária frente ao cemitério da Soledade se faz importante justamente, por esse processo de preservação.

No Brasil, especificamente, o Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, foi o marco legal inicial deste processo de preservação, que se pautava pela construção de uma identidade brasileira, onde bens eram selecionados por critérios estéticos (prioritariamente associados com estilo barroco e modernismo), históricos, paisagísticos,

políticos, entre outros. O Estado nacionalista, na tentativa de construir uma identidade brasileira, vislumbrou nas questões patrimoniais um importante aliado, o que já vinha sendo feito em outros países. (Rodrigues, 2014).

Nos dias atuais, o cemitério da Soledade passou por um processo de restauração e transformação em um parque urbano em Belém por meio de um acordo entre os chefes de Estado. A intenção era transformar o antigo cemitério em parque público, abarcando um museu e outras ações culturais e, estão abertas ao público, a inauguração do mesmo aconteceu no dia 11 de janeiro deste ano.

1.6. Aspectos recentes e Restauração do Cemitério da Soledade:

A restauração do cemitério e a subsequente transformação em parque foi o momento propício para analisar este lócus e suas nuances em torno da cultura e da identidade do povo belenense, que se faz presente no espaço cemiterial de diferentes maneiras e o utiliza, também, de variados modos tais já apresentamos nos tópicos do capítulo um, desta dissertação.

Com intuito de compreendermos melhor estas maneiras variadas de uso deste espaço, se fez necessário analisar a relação do espaço cemiterial com a feira livre do bairro da Batista Campos, pois os feirantes e a feira estão localizados entorno do cemitério.

Segundo informações da reportagem do G1 Pará que foi noticiada no dia 12 de julho de 2021:

O cemitério da Soledade, em Belém, deve ser restaurado e requalificação, por meio de um acordo de cooperação técnica assinado entre o governo estadual e a prefeitura de Belém nesta segunda (12). A acordo quer transformar o antigo cemitério em um parque público, incorporando um museu e outras ações culturais, que serão abertas à população. O acordo quer transformar o antigo cemitério em um parque público, incorporando um museu e outras ações culturais, que serão abertas à população (G1, 2021).

Ainda na mesma notícia do G1 Pará, na requalificação do Soledade está inserida a mudança do pórtico de entrada do Cemitério. Segundo a informação, no dia 20 de março de 2021 ocorreu uma vistoria técnica da defesa civil municipal que interditou o espaço. De acordo com a visita técnica, o pórtico já apresentava riscos de queda, surgindo, portanto, a necessidade da mudança da travessa Serzedelo Corrêa para a travessa Dr. Moraes:

Figura 12- Pórtico de entrada Oficial desde 1850



Fonte: Autoria própria

Figura 13-Detalhes do Pórtico que foi construído em 1912



Fonte: Autoria Própria

O projeto de requalificação incluiu, também, a revitalização do muro, do calçamento lateral, a reestruturação da parte elétrica e hidráulica, bem como a parte estrutural elétrica, hidrossanitário, logística, de ar condicionado, prevenção e detecção de

incêndio e, por fim, a segurança da área. Na figura abaixo, pode-se notar o muro após a revitalização:

Figura 14- Muro revitalizado



Fonte: Autoria própria

Depois da revitalização do muro e da mudança do pórtico de entrada que ocorreu no cemitério, percebemos que já há uma ressignificação do lócus, haja vista que o pórtico que antes estava na Serzedelo fica, agora, “atrás” da Capela e do cruzeiro. Segundo informações de alguns entrevistados, essa mudança desconfigura o sentido da devoção, porque com a nova entrada, localizada na Dr. Moraes, ela está de costas para a Capela e o Cruzeiro:

Figura 15- Capela antes da restauração



Fonte: Autoria própria

Figura 16-Revitalização da capela



Fonte: Autoria própria

Figura 17-Cruzeiro



Fonte: Autoria própria

Portanto, a revitalização foi necessária para manter a segurança da população e à preservação do sítio, já que uma das principais motivações para a sua restauração e conseguinte construção de um novo pórtico foi o fato de que o anterior estava sofrendo risco de desabamento.

CAPÍTULO 2 – ELEMENTOS SISTÊMICOS NO CEMITÉRIO DA SOLEDADE

Os cemitérios fazem parte de uma tradição cultural. Por essa razão, é importante se entender como funciona a troca de informação não só dentro, mas também ao seu redor. Nesse sentido, através de alguns conceitos da Teoria dos Sistemas Complexos, tais o processo de informação e organização, auto-organização, saberemos como caracterizar o Soledade: se em sistema aberto, ou fechado. Mas quais os elementos existentes dentro do cemitério que serviriam de parâmetros de ordem e desordem, ou seja, o que faz existir uma ordem e uma desordem neste espaço? Ele possui um sistema linear ou não linear? Qual a relação do espaço cemiterial com a feira livre da Batista Campos? Essas questões iremos responder ao longo deste capítulo, vejamos.

2.1. Pressupostos da teoria dos Sistemas Complexos

Antes de explicarmos a teoria dos sistemas e da concepção sistêmica é preciso que seja feita uma breve consideração acerca do berço da sociedade Ocidental ao qual vivemos, a Grécia antiga clássica, em especial aos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles, posto que, as suas obras instauraram um modo de pensamento linear, que, até os dias atuais ainda está vivo na nossa cultura, uma lógica binária. A título de exemplo, Mariotti (2010, p. 06) em *Pensamento Complexo* cita Aristóteles: “O princípio de terceiro excluído afirma que entre duas proposições contrárias só uma pode ser considerada verdadeira: A é B ou não-B. Não há uma terceira alternativa”. Em outras palavras, a assertiva trata-se de um raciocínio binário, da lógica da polarização. O famoso: “‘uma coisa ou outra’, à qual estamos firmemente atrelados: ‘ou certo ou errado’; ‘ou real ou imaginário’; ‘ou bem ou mal’; ‘ou está conosco, ou contra nós’” (Mariotti, 2010, p. 06).

Este modo de pensamento linear foi consolidado por Descartes séculos após, e criticado por muitos, do mesmo modo. Um desses críticos, chama-se Ludwin von Bertalanffy, biólogo austríaco, quem deu origem à Teoria Geral dos Sistemas (TGS). Seus principais trabalhos a respeito da T.G.S datam de 1950 a 1968. De acordo com Bertalanffy, os princípios desta teoria seriam aplicáveis a outros campos da ciência e a dinâmica dos sistemas analisaria o comportamento de vários outros ramos: ambiental, político, econômico provendo uma base comum aos ramos do conhecimento, indo, assim, pelo caminho contrário à visão cartesiana do universo.

Pela perspectiva cartesiana, as bases da ciência são estritamente lógicas, isto é, Descartes (1596-1650) propôs uma visão racionalista de mundo, no qual todos os princípios tidos como verdadeiros passam pelo crivo da razão, daí a imprescindibilidade de um sujeito cognoscente, aquele que dá certeza ao *cogito*. Caminhando por este viés, é

o sujeito do conhecimento quem submete a natureza à razão, o que, inevitavelmente, ocasiona uma ruptura, ou dualidade, entre o sujeito epistêmico e o mundo material, corpo e alma, ou razão e emoção. O referido filósofo também definiu que o conhecimento poderia ser melhor estudado, caso suas partes fossem separadas, e este pensamento até hoje prevalece em nossa cultura.

Dentre as abordagens da filosofia temática, existe um campo de investigação sobre os Sistemas Complexos que, segundo o filósofo e antropólogo Edgar Morin, um dos grandes pensadores da teoria dos sistemas, é definido por ele como:

Em princípio, o campo da teoria dos sistemas é muito mais amplo, quase universal, já que num certo sentido toda realidade conhecida, desde o átomo até a galáxia, passando pela molécula, a célula, o organismo e a sociedade, pode ser concebida como sistema, isto é, associação combinatória de elementos diferentes (Morin, 2005, p. 19).

A Teoria dos Sistemas Complexos pode ser aplicada a todo e qualquer ramo da ciência, já que é uma teoria não só interdisciplinar, mas transdisciplinar e multidisciplinar. Na interdisciplinaridade mais de uma disciplina se une em um projeto em comum ao ser guiado por um planejamento e com um mesmo propósito, já a transdisciplinaridade - comporta a integração contínua dos conhecimentos, isto quer dizer que as disciplinas não seriam mais segmentadas, mas entendidas em uma relação complexa com os vários saberes. A multidisciplinaridade, por sua vez, ocorre quando há um diálogo entre as disciplinas escolares e cada uma delas, através das suas perspectivas, enriquecem determinado projeto. Nesta não há foco na relação e na colaboração entre as disciplinas.

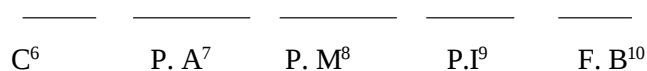
Parece, portanto, que uma teoria geral dos sistemas seria um instrumento útil capaz de fornecer modelos a serem usados em diferentes campos. Nesta pesquisa em questão, por exemplo, afim de estudarmos o cemitério da Soledade como um fenômeno, não o olharemos por uma única ótica.

Sabendo dos múltiplos saberes que comportam o cemitério, seja do ponto de vista arqueológico, da museologia, da administração, da religião, da sociologia, da história ou da filosofia temática, entendemos a inter-relação destas disciplinas e a transdisciplinaridade entre elas para que, enfim, o cemitério seja encarado como um local de ampla complexidade.

O pensamento de Bertalanffy nos mostra a aplicabilidade da sua teoria dos sistemas a várias áreas de conhecimento científico, cuja a principal característica é que os sistemas deveriam ser estudados de maneira global, evidenciando assim que sua teoria seria capaz de ir além dos problemas exclusivos tradicionais, integrando as ciências

naturais e sociais; nesse sentido, o biólogo proporcionou novos princípios aplicáveis a todos os ramos do saber, a chamada “visão sistêmica”, tecendo o contrário de uma visão de mundo que divide o conhecimento em diferentes áreas, como física, química, psicologia, etc, e que estabelece um pensamento dual e binário. Para Bertalanffy não se pode pesquisar, estudar ou analisar objetos científicos apenas com uma visão unilateral.

Como exemplo desta visão unidimensional, Mariotti (2010) apresenta o diagrama abaixo para elucidar melhor esta forma binária de estudar fenômenos. Imagine uma linha contínua que simbolize um objeto ou situação que queira conhecer, neste caso, para entrarmos em sintonia com esta pesquisa, imagine o cemitério da Soledade e a sua relação com a feira livre da Batista Campos:



Como vemos na imagem, o esquema está em sequência linear, nesse caso, quanto maior for a distância entre a primeira e a última, mais difícil será perceber as relações entre elas, pois por este caminho fica mais difícil de se chegar a uma síntese, após a análise separada e sequencial de cada um desses fragmentos. A esta visão binária, ao longo do processo de investigação desta dissertação sobre o cemitério da Soledade, vão se forjando grupos diversificados de especialistas em cada uma dessas partes que constituem o espaço cemiterial, e logo vão desenvolvendo jargões específicos para suas áreas ou disciplinas. Essa maneira torna-se dificultosa à pesquisa, haja vista que impede a comunicação entre elas e isso, tal qual mostra o diagrama, é um entrave ao conhecimento. Se analisarmos desta maneira, além de limitar a pesquisa, distancia uma parte da outra, e, com isto, compromete a compreensão do todo. O exemplo acima nos mostra o quanto a nossa cultura está condicionada a um modelo de pensamento binário a partir de uma lógica, ou seja, há duas maneiras básicas de pensar.

Se nos voltarmos para o exemplo da figura 18 abaixo, podemos pensar em outro modo de se estudar e analisar esse mesmo objeto. Em vez de esquematizar de modo seriado, podemos arruma-las para que formem um sistema:

⁶ Cemitério

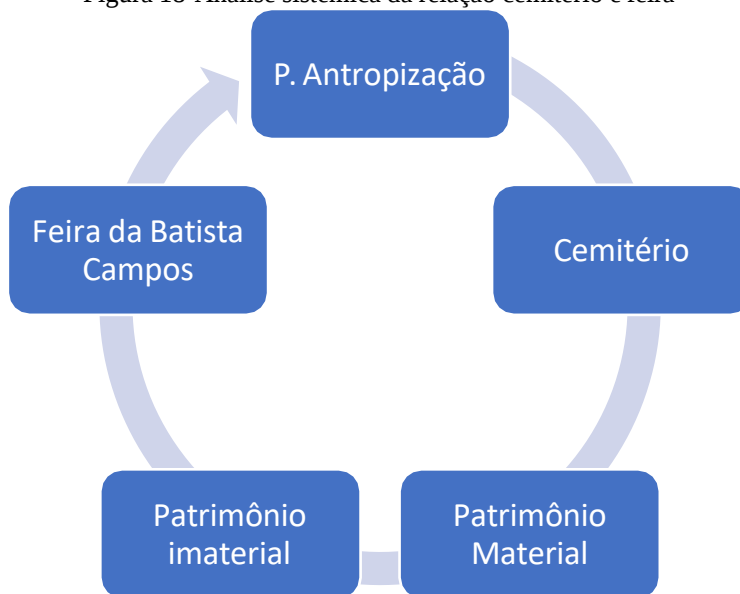
⁷ P.A. Processo Antrópico

⁸ P.M. Patrimônio material

⁹ P.I. Patrimônio Imaterial

¹⁰ F.B. Feira Batista Campos.

Figura 18-Análise sistêmica da relação cemitério e feira



Fonte: Autoria própria

Neste arranjo não linear, as partes interagem de outra maneira, diminuindo assim, a distância que separava as partes iniciais das finais na sequência anterior. No segundo esquema, todas as partes estão interligadas, nos permitindo pensar o conjunto sem perder de vista os seus componentes. É isso que se chama pensamento sistêmico.

Vimos que para compreendermos o todo, temos que necessariamente conhecer as partes que complementam o todo complexo dos fenômenos externos a nós. Quando analisamos a relação dos feirantes com o cemitério da Soledade, foi levado em consideração a subjetividade dos mesmos no que diz respeito ao cemitério, ou seja, como eles interpretam ou como eles se sentem ao realizar um trabalho de venda de produtos alimentícios.

À medida que se faz necessária a análise da relação cemitério e feira livre, podemos observar que neste esquema linear e binário que vai do cemitério à feira da Batista campos, existem várias nuances e movimentos que são extremamente importantes para compreendermos a relação, pois, temos aí, cemitério, processos antrópicos, e destes vamos reunindo elementos que vão consistir em patrimônio material e patrimônio imaterial até chegarmos no entendimento desta relação.

Ao analisarmos o cemitério, não tratamos apenas do que diz respeito ao lado de dentro, mas a relação deste com o seu entorno. Por isso, ao se investigar este fenômeno com aspectos unilaterais, não se leva em conta as consequências, sejam positivas ou

negativas no que diz respeito à reforma, à requalificação e à transformação do Soledade e como isso pode impactar nas relações cotidianas em seu entorno.

Nas palavras de Mariotti, “precisamos, portanto, de um modo de pensar que leve as pessoas a ampliar sua compreensão de mundo e as faça entender que as teorias geram práticas e estas por sua vez, realimentam as teorias. Sem teorias não há práticas e vice-versa. (Mariotti, 2010). Sair da nossa zona de conforto, implica irmos para além do que se é posto, para tanto, é importante atermos ao nível mais alto de complexidade do objeto estudado.

Diante do que foi exposto, pode-se observar que analisar a relação entre o Cemitério da Soledade e a Feira da Batista Campos pelo viés unidimensional é limitar não apenas esta, mas outras pesquisas que serão realizadas ao longo da história com relação ao *lócus*, pois, como vimos, não podemos separar as partes que ajudam a compor a dinâmica deste lugar para compreendermos o todo complexo do cemitério e seu entorno.

Neste sentido, é preciso que haja novas formas de olhar e pensar o objeto estudado, revendo os conceitos e suas dinâmicas. Isto posto, é necessário que tiremos as brumas do pensamento, para que assim possamos ter uma visão mais ampla acerca do conhecimento, no que diz respeito ao Cemitério.

2.2. Conceitos sistêmicos e a relação com o cemitério

Nesse contexto, desenvolver um trabalho de pesquisa tendo base nos Sistemas Complexos no âmbito do espaço cemiterial, é buscar elementos e funcionalidades que trazem, em si, vários aspectos com os quais podemos caracterizar o cemitério como um sistema complexo. Um sistema complexo, por conseguinte, é aberto, porque troca informação, energia e material com o local ao qual se insere, ao passo que em um sistema fechado, estável e previsível, as variações são inexistentes. Esse seu aspecto crucial dá luz à própria complexidade dos sistemas abertos, pois “tais variações podem gerar mudanças abruptas e inesperadas em seus elementos e mesmo na totalidade do sistema.” (Morais e Gonzalez, 2007, p. 164).

A definição de complexidade para Morin, segue abaixo:

O que é complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterógenas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico (Morin, 2005, p.202).

Nesse sentido, compreender todas as partes que compõem os sistemas complexos é compreender o todo, e a complexidade está inserida em todos os âmbitos dos saberes

de forma interdisciplinar. Conhecendo os elementos que juntos formam a teia de funcionalidade não só do material, mas também do imaterial, ampliam-se as visões para o conhecimento, haja vista que o conhecimento não é uma rocha, não é algo pronto e acabado que alguém tenta mover e não consegue. Pelo contrário, conhecimento é *devir*, é transformação, é construção e reconstrução; é movimento entre o passado, o presente e o futuro. Aí se encontra a razão de se entender as partes que vão se forjando diante das ações antrópicas que perpassam o tempo, auxiliando na construção de uma identidade e preservando a memória de um povo através de sua história. No Soledade encontramos outros seres que interagem de forma direta com o espaço, são os animais que ali habitam, ou que vez ou outra aparecem. As imagens abaixo ilustram bem a relação dos animais com espaço cemiterial:

Figura 19- Túmulos no Cemitério da Soledade



Fonte: Autoria própria

No que concerne à concepção sistêmica, vimos que o cemitério da Soledade é um sistema aberto, porque há troca de energia dentro e fora dele, com elementos que existem ao redor e dentro do espaço, por exemplo, os carros, a feira livre que fica no entorno do cemitério, os vendedores de vela, bem como os consumidores, as bicicletas, o tráfego dos transportes. No que diz respeito ao lado de dentro do cemitério, percebemos que os

animais fazem parte dessa dinâmica, os pássaros, os gatos, cachorros que utilizam este espaço para suas ações.

As mangas, as árvores, os promesseiros, dentre outros elementos ajudam a constituir a teia funcional do grande sistema complexo que é o Soledade. Todo esse movimento tem influência no espaço cemiterial. Portanto, são através desses elementos que podemos caracterizar o fenômeno cemiterial como um sistema complexo aberto, pois é por meio das relações entre as partes em um todo que, integrado a um meio de forma ordenada ou até mesmo desordenada, forma-se o somatório de simbologias nas quais vai surgindo a ideia de sistema. Para Bresciane Filho e D'Ottaviano a definição de organização é:

...identificada pelo conjunto das características estruturais e funcionais de um sistema, representa as relações e as atividades ou funções desse sistema e que tem a capacidade de transformar, produzir, reunir, manter e gerar os comportamentos desse sistema” (Bresciane & D'Ottaviano, 2004, p. 239).

Porém, na figura abaixo vemos o oposto disso:

Figura 20-Primeiros vestígios de ossadas encontradas enterradas de forma aleatória



Fonte: autoria própria

A imagem acima mostra um exemplo de desordem, de uma não linearidade no cemitério. Esses ossos, até o presente, pressupomos que se trata de vala comum, e tais elementos contribuem para formar este todo complexo, que se forja de maneira desordenada, provavelmente causando a invisibilidade de determinados agentes sociais.

Assim, percebemos as desigualdades presentes neste espaço, e nos leva a uma reflexão de que até mesmo diante da morte a tal fenômeno social se faz presente.

Um túmulo bastante visitado é do menino Zezinho, que faz parte das almas que os promesseiros vão rogar, agradecer e pedir bençãos para sua vida, por esse motivo os visitantes jogam ao redor do túmulo, bombons, terços, fitas coloridas, eles vestem, camisa e boné na escultura, todos esses elementos são de agradecimentos pelas graças alcançadas. Tal como na imagem abaixo.

Figura 21–Túmulo do menino Zezinho



Fonte: Autoria própria

Tais elementos podem ser caracterizados como sistêmicos, haja vista que possuem uma relação direta com espaço, não só de forma material, bem como imaterial, em vista da fé dos promesseiros. Dessa maneira vão sendo desenvolvidas as *affordances*, que viabiliza as trocas de informação as quais vão se interligando de forma ordenada ou desordenada. Através desses elementos, a partir desta troca, que o pano de fundo deste espaço vai sendo construído.

Segundo Searle, pano de fundo pode ser visto como:

Um conjunto de capacidades e pressuposições que me permita lidar com o mundo. Esse conjunto de capacidades, habilidades, tendências, hábitos, disposições admitidas (...) só funciona da maneira que funciona – ou seja, só determina suas condições de satisfação – se consideradas contra um Pano de

Fundo de *know – how* (saber como) que me permita lidar com o mundo” (SEARLE, 1998, p. 200).

Nesse contexto de pano de fundo, Searle apresenta como, *práticas culturais locais*, pois é por meio das nossas práticas cotidianas que estabelecemos condições favoráveis para uma disposição que nos possibilite a percepção – ação de um determinado fenômeno. Por meio da disposição que nos é dada a partir da percepção-ação temos a possibilidade de *affordances* ou estruturas que estão presentes no meio informacional que se encontram no meio ambiente e que por sua vez é facilitador da ação. “O conceito de *affordances* faz referência ao agente, expressando as possibilidades de ação oferecidas pelo ambiente” (Da Silva Oliveira e Rodrigues, 2006, p.).

No que concerne a feira livre do bairro Batista Campos, entendemos a partir de uma visão sistêmica que a mesma compõe o pano de fundo do cemitério, pois, a feira está localizada no entorno do Soledade, portanto é de suma importância investigar a relação dos feirantes e como eles percebem o espaço cemiterial. Na medida em que a ação antrópica se faz presente no cemitério, percebemos as reconfigurações sendo feitas.

A entrada do cemitério fica na Trav. Serzedelo Corrêa, mas, com o novo projeto de requalificação, o pórtico passou para a Trav. Dr. Moraes. Com essa mudança, uma parte do cemitério já perde muito da sua configuração inicial, pois, o muro foi derrubado, as máquinas entraram e mexeu no solo, com isso, muitos ossos e dentes, foram encontrados.

CAPÍTULO 3: PROCESSOS METODOLÓGICOS E MATERIAIS

3.1. Tipo de Pesquisa:

A seguinte dissertação de mestrado utilizou como abordagem metodológica o viés qualitativo, um campo conhecido por estudar os fenômenos envolvendo os seres humanos e suas relações sociais. Segundo Godoy (1995) existem alguns pressupostos que identificam melhor os estudos qualitativos em pesquisa, como a compreensão do fenômeno a partir do seu contexto e de sua forma integrada. No intuito de atingir esse objetivo final, o pesquisador, assim, vai para campo “captar” o fenômeno e as perspectivas dos sujeitos envolvidos.

Neste sentido, ao contrário dos paradigmas positivistas que entendem os objetos existindo fora a parte do ser humano, sem relação alguma com a perspectiva do cientista, a pesquisa qualitativa, de acordo com Rees (2008), postula que a subjetividade é o ponto de partida de qualquer pesquisa feita por um ser humano:

Ao observar de forma participativa, a dualidade cartesiana de “observador” e “observado” é rompida. O investigador se torna parte do ambiente que está sendo investigado. Como a subjetividade faz parte dos trabalhos qualitativos, é preciso refletir sobre sua representação, ao permitir que as vozes, tanto do pesquisador/observador quanto dos participantes/ observados, sejam ouvidas (Rees, 2008, p. 254).

Voltando a Godoy (1995), para a autora, as três principais vertentes da pesquisa qualitativa é a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. A primeira se utiliza de jornais, revistas, diários, obras literárias, filosóficas, científicas, elementos iconográficos etc, as quais relatam situações e servem de base para a argumentação, ou são as principais fontes de informações para o estudo; a segunda examina um ambiente ou uma situação particular, além de constantemente adotar um enfoque exploratório e descritivo; já a etnografia, comumente associada à antropologia, se ocupa com a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo, ou de povo. Vale ressaltar que neste último tipo, o trabalho de campo é o coração da pesquisa, “pois sem um contato intenso e prolongado com a cultura ou grupo em estudo será impossível ao pesquisador descobrir como seu sistema de significados culturais está organizado” (Godoy, 1995, p. 28).

Diante disso, o repertório metodológico desta dissertação tem como base os estudos qualitativos documentais, bibliográficos e etnográficos. Diante do teor interdisciplinar desta dissertação, foram utilizadas leituras filosóficas da área da Filosofia

Temática a partir da Teoria dos Sistemas Complexos, que nos possibilitou uma compreensão mais abrangente do fenômeno cemiterial.

O primeiro momento de execução do plano de trabalho preocupou-se em alcançar avanços teóricos sobre como funcionam as trocas de informação e dinâmica no Complexo da Feira Livre da Batista Campos. Para tanto, foi realizado o levantamento bibliográfico de trabalhos e conceitos sobre a área do conhecimento abordada (Morin, 2005; De Moraes e Gonzalez, 2007; Vasconcelos, 2013; Carlos, 2007; Godoy; Dos Anjos, 2007).

Para esse trabalho, também foi importante a abordagem etnográfica ao qual tencionou entender as relações entre os feirantes e o espaço cemiterial do Soledade. Esta abordagem perpassou pelo reconhecimento de como os indivíduos deste grupo se reconhecem como integrantes do lugar e reivindicam para si o espaço público, dando a ele significados próprios através das suas ações. Por este viés, foram realizadas, em campo, entrevistas com os feirantes, seguindo um cronograma entre o entrevistador e os entrevistados. Do mesmo modo, foram feitas as escavações arqueológicas, que serviram de subsídios para se analisar a riqueza histórica inerente ao Soledade, e registros fotográficos.

Entender a relação dos grupos de pessoas que se utilizam desse espaço cemiterial é de grande importância, pois percebemos o Soledade como uma forma de repensar a morte e o seu significado. Nos trabalhos de campo foram observados muitos epitáfios de gratidão e saudade, caracterizados pelos objetos que ali nos túmulos e nos mausoléus foram esculpidos, como por exemplo, ampulhetas aladas, foice de cabeça para baixo, coroa de louro, corujas, leões, cobras que mordem a própria cauda, simbolizando a finitude dos seres animados, dentre outros, que trazem um significado específico daquela época.

A revisão esteve pautada, de certo modo, na subjetividade dos entrevistados, afim de saber qual o seu olhar diante do cemitério, e para tanto, entender as relações que se colocam presente na construção do pano de fundo cultural, social e econômico; para tanto, fazer uma amostragem do processo. No primeiro momento foi realizada uma investigação bibliográfica sobre a construção do Soledade, bem como o contexto do mesmo, outras leituras foram necessárias para elaboração desta pesquisa, no que tange outras áreas de conhecimento, Filosofia, Antropologia, bem como, leituras sobre o funcionamento das feiras livres.

O Segundo momento foi a pesquisa de campo, registros dos túmulos e levantamento dos símbolos presentes nos mausoléus. No terceiro momento foram entrevistados treze feirantes, seguindo o roteiro de perguntas, sobre como eles viam a

requalificação do cemitério e o que isso poderia interferir, seja maneira, positiva ou negativa no funcionamento da feira. Para a coleta primária de informações sobre os feirantes, o roteiro direcionado a eles, orientou a construção do instrumento final para a coleta de dados, o qual consiste em um formulário com quinze questões de cunho socioeconômico, sobre o fluxo de pessoas, produtos e a rotina de trabalho na feira, bem como a relação dos mesmos com Cemitério da Soledade a partir da requalificação do espaço.

As leituras e entrevistas foram de grande importância para o aprimoramento do método de coleta de dados afim de alcançar resultados mais próximos da realidade vivenciada no cemitério e ao redor. As visitas e registros no cemitério foram iniciadas em novembro de dois mil e vinte um. Como já foi mencionado antes neste primeiro momento da pesquisa foi adotada uma abordagem de caráter qualitativa, que poderá permitir uma análise de dados que possam ser complementares.

Nesse sentido, com um caráter interdisciplinar e temático a pesquisa se consiste no campo não somente da Filosofia ou da Arqueologia, porém, no da antropologia, no qual estuda a sociedade e a cultura nela existente. Para tanto, a conversa com os feirantes foi de suma importância para entendermos a relação dos mesmos com o espaço cemiterial. É preciso que haja uma conversa com os feirantes que trabalham ao lado do cemitério; eles são importantes para o entendimento da dinâmica que se faz presente naquele espaço, bem como, pesquisar os símbolos que ali estão presentes, seja de forma material ou imaterial.

3.2 Pesquisa de Campo: Escavação e embargo

3.2.1. Embargo da obra no Cemitério da Soledade

A obra acerca da requalificação do Cemitério da Soledade foi embargada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no dia 13 de setembro de 2021, de acordo com informações no site do Pará web, no qual refere-se ao processo de embargo, segundo a informação da própria instituição é que, “os bens tombados não poderão ser destruídos, demolidos ou mutilados, e não poderão ser reparados, pintados ou restaurados sem a prévia autorização do IPHAN, deixando a entender que as obras começaram sem a autorização do instituto” (Paraweb, 2021). Ainda sobre a notícia do site, houve uma nota da Fundação Cultural do Município de Belém (Fumbel) para justificar a paralisação das obras, que segundo eles, foi embargada pela ausência de um arqueólogo para acompanhar a ação e que já estaria resolvido, segundo a fundação, vejamos a nota emitida pela (Fumbel):

A Fundação Cultural do Município de Belém (Fumbel) e a Secretaria Municipal de Urbanismo (Seurb) informam que, durante uma visita técnica, que ocorreu no dia 14 de setembro, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) identificou que será necessário o acompanhamento permanente de um arqueólogo frente à obra do Cemitério da Soledade, em virtude de um projeto de drenagem, que necessitará de intervenções mais profundas no solo do cemitério. A solicitação foi atendida e um profissional funcionário foi indicado pela Secult, no mesmo dia.

A Fumbel e Seurb informam que estão afinadas com a Secult e que os três órgãos se reuniram, durante a semana, para acompanhamento e deliberações referentes à obra e, também, para sanar dúvidas de forma a agilizar as obras.

A imagem abaixo mostra a placa de embarco pelo IPHAN, e ao lado o pórtico no qual também passou pelo processo de reconstrução.

3.2.2 Processo de embargo da obra no Soledade

No que concerne à pesquisa acerca do cemitério, foi muito importante a etapa das escavações. Por se tratar de um sítio arqueológico urbano, claro que esta inferência parte da pesquisa e análise dos vestígios encontrados nas mesmas. Sendo o Soledade um sítio arqueológico, qualquer obra que envolva o solo de um lugar, espaço, entre outros, não pode ocorrer nenhuma mudança, porque se trata de um elemento tombado pelo IPHAN, como vimos na matéria do Web Pará, não se pode mexer nesses lugares, sem a autorização da instituição.

Isto posto, o projeto foi coordenado pelo arqueólogo Paulo Canto, da Secretaria de Cultura do Estado do Pará – SECULT. O projeto foi apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e liberado sob a portaria nº 64, de 15 de outubro de 2021, processo nº 01492.000345/2021-74.

Figura 22-Embargo



Fonte: Google

Como vimos anteriormente, a obra foi embargada por falta de um arqueólogo e por este motivo, foi desenvolvido o Projeto de Avaliação do Patrimônio Arqueológico do Cemitério da Soledade. O projeto envolveu todo o trabalho realizado em um sítio urbano desde o planejamento, prospecções, escavações, coleta e análise de material e educação patrimonial. (Figueira, 2023). Para esta pesquisa, a fase de escavação foi primordial para uma análise mais extensa sobre o cemitério a partir dos processos de antropização e suas diferentes formas de uso, deste espaço rico em informações e trocas de saberes, sejam eles de cunho religioso, estético ou social.

Na medida em que houve o embargo na obra do Soledade e a partir do projeto de escavação, onde uma equipe de arqueologia e pesquisa se faz presente nos tramites de requalificação e mudanças que ocorreram, deu-se a necessidade de haver tal projeto, por conta que a obra não envolveu apenas as etapas de restauração dos mausoléus, entre outras mudanças significativas na parte superior, mas, a requalificação e reforma.

Nesse sentido, precisou também envolver o solo, pois, como exposto no capítulo anterior, houve a necessidade de restaurar a parte elétrica e hidráulica, bem como a parte estrutural elétrica, hidrossanitária. Para tanto, foram utilizados instrumentos e máquinas de grande porte afim de se concluir esta etapa da obra.

As imagens abaixo mostram algumas etapas no processo de implantação e melhoria da parte estrutural, principalmente das fases hidráulicas e hidrossanitária:

Figura 23:- Trabalhadores preparando o solo para recebimento hidráulico



Fonte: Autoria própria

Figura 24-Implatação do Sistema Hidráulico



Fonte: Autoria própria

Figura 25–Trabalhadores preparando o solo para recebimento hidráulico



Fonte: Autoria própria

Figura 26-Construção das passarelas



Fonte: Autoria própria

Figura 27–Implatação de canos



Fonte: Autoria própria

Figura 28-Preparação do sistema hidráulico



Fonte: Autoria própria

Figura 29-Escavação de área sem vestígios arqueológicos



Fonte: Autoria própria

A partir das observações das imagens apresentadas, podemos notar o quanto foi necessário mexer no solo do Soledade afim de requalificar e, porque não dizer, ressignificar este lócus, e para isto, foram utilizadas uma variedade de ferramentas para a abertura das “valas” e assim, receber os reparos que foram imprescindíveis neste processo, pois, no primeiro momento, foi necessária a instalação de sistemas de drenagem e esgotamento de águas pluviais na área do cemitério a fim de receber o projeto estrutural do local e deixa-lo um espaço de preservação do patrimônio cultural e de visitação pública como Cemitério Parque. (Figueiras, 2023).

No que tange os processos estruturais da obra, a partir das imagens, é possível, também notar, o quanto foi preciso a intervenção do IPHAN, pois, na medida em que as máquinas foram adentrando o solo do cemitério, ossos foram aparecendo, e por essa razão acabam por causar uma desordem no sítio e assim, comprometer possíveis matérias e dificultar o processo de curadoria de tais elementos. Como ilustram as imagens abaixo:

Figura 30-Primeiros registros de vestígios ósseos



Fonte: Autoria própria

Figura 31-Primeira coleta de vestígios ósseos



Fonte: Autoria própria

Figura 32-Vestígios de ossos e crânios



Fonte: Autoria Própria

Aqui vemos os primeiros vestígios de ossos encontrados no Soledade e sepultados de forma desordenada, eles foram encontrados na lateral da capela ao lado direito de quem entra no cemitério pela travessa Serzedelo. É curioso a forma como os ossos estão colocados e mais, não sabemos quem são e nem quando foram enterrados, as imagens mostram que foram de certa maneira, jogados apenas, sem devido cuidado, ou se seguiu algum critério diferente na hora de serem sepultados. A obra iniciou em novembro de 2021, e terminou no final de 2022, porém, no decorrer desta pesquisa, é perceptível que ainda tem muito trabalho pela frente, porque nem todas as sepulturas, por exemplo, foram restauradas, mais adiante vamos explicar tais detalhes.

3. Processo de Escavação e novo pórtico do cemitério da Soledade

Como já exposto no capítulo primeiro, no item tal... Houve a mudança do pórtico de entrada, essa nova configuração foi necessária, pois, como já vimos anteriormente o pórtico antigo estava sob risco de desabamento. Mediante a esse fato, máquinas pesadas foram usadas para derrubar o antigo muro e implantar o novo pórtico, e mais uma vez, o solo do Soledade foi mexido e remexido e como consequência deste movimento, outros

ossos foram aparecendo. A partir deste acontecimento, a equipe de arqueologia começa o trabalho de escavação nesta área do cemitério, haja vista, o pórtico passou a ser na travessa Dr. Moraes. Importante frisar que havia uma espécie de depósito dos feirantes dentro do Soledade, e ficava bem próximo de onde hoje é a nova entrada do espaço cemiterial. Mas o projeto de requalificação do Soledade, não envolvia exatamente permitir que o depósito dos feirantes permanecesse dentro do mesmo, pois, os planos era reconstruir e requalificar, não só as sepulturas, e com isso, implicou diretamente na forma de uso dos feirantes para com o cemitério, uma vez, que os mesmos, foram “forçados” a retirar os materiais que eles utilizam para montar as barracas.

Houve uma certa resistência de alguns feirantes com relação a este acontecimento. Ao entrevistar algumas pessoas que se disponibilizaram a contribuir com esta pesquisa, foi relatado que a prefeitura conseguiu uma sala improvisada para guardar os materiais dos trabalhadores da feira, porém, alguns ficaram insatisfeitos, por conta que, tal sala, ficava mais distante do local onde acontece a feira livre.

Figura 33-Vistoria do projeto



Fonte: Silvinho Costa

Figura 34-Antigo depósito de guardar materiais dos feirantes.



Fonte: Silvinho Costa

Nas figuras acima, é possível observar o referido depósito dos feirantes. O que chama atenção da pesquisadora, é o fato que na própria regulamentação da preservação dos bens tombados pelo IPHAN, não pode haver nenhuma obra ou reforma nesses bens. No entanto, foi permitido aos feirantes realizar tal feito, isso pode explicar alguns deles terem resistido a reforma do Soledade, uma vez, que os próprios não se sentiram incluídos neste processo. Observamos também, que a máquina começa a derrubar o antigo muro e preparar o espaço para receber a reconstrução.

Figura 35-Máquinas derrubando o antigo muro



Fonte: Silvinho Costa

Figura 36-Reconstrução do antigo muro



Fonte: Silvinho Costa

As ações que foram necessárias para dar continuidade na obra de requalificação do Soledade, entretanto, foi preciso realizar uma pausa nesta etapa, pois, mais uma vez o uso de máquinas e equipamentos pesados provocam uma série de movimentos no solo que fazem com que, ossos e outros elementos, que se encontram enterrados no Soledade, emerjam do solo. E a partir daí, a equipe de arqueologia entrou em ação mais uma vez, e outras escavações foram basilares neste momento. Mediante a isso, fomos marcando as áreas, medido e separando os espaços que iriam ser escavados, utilizamos trenas, elásticos, foram criadas malhas espaciais para ir mapeando as tais áreas que sob

orientação da equipe de arqueologia sempre deve ser seguir o Norte magnético para servir de orientação para escavação, foi utilizado o nível de bolha para controlar a profundidade.

Figura 37-Medição de área para escavação arqueológica



Fonte: Otávio Vinhote

Figura 38-Nível de bolha para controlar a profundidade da escavação



Fonte: Autoria própria

Figura 39–Demarcando os pontos para escavação



Fonte: Autoria própria

As imagens acima ilustram bem o que foi encontrado mediante o uso de máquinas pesadas, e neste momento encontramos muitos vestígios arqueológicos, dentre eles, muitos ossos que foram sepultados no Soledade de forma aleatória. Muitos questionamentos começam a surgir neste momento, tais como; quem eram essas pessoas? Porque eles foram sepultados dessa maneira?

Figura 40-Destacando os ossos encontrados para coleta



Fonte: Otavio Vinhote

Na medida em que os ossos foram aparecendo, fomos demarcando as em pequenas áreas, formando quadrantes e foram nomeados de, A1, B1, C1 e D1, sucessivamente, com

cuidado fomos destacando os ossos mais inteiros, tudo para que não houvesse mais perda de tais materiais. Fomos com cuidado realizando as coletas dos vestígios, vale destacar que não foram apenas ossos encontrados.

Figura 41-Coleta de material arqueológico



Fonte: Otávio Vinhote

Figura 42– Vestígios de arcada dentária humana



Fonte: Autoria própria

As etapas de escavação arqueológicas nortearam os caminhos desta pesquisa, pois, o objetivo não foi apenas compreender e analisar a história do Soledade e a relação direta que o mesmo possui com a feira da Batista da Campos, mas, olhar sob uma perspectiva mais profunda acerca dos bens culturais

encontrados, e para tanto, é preciso partir do prisma arqueológico, pois, percebemos que a importância de salvar – guardar os elementos encontrados e preservá-los, para que assim, possamos compreender as dinâmicas que permeiam a cultura e memória do povo belenense.

De acordo com Figueira:

A área do sítio Soledade foi dividida em quatro quadrantes A, B, C e D, a partir do georreferenciamento do local; e os trabalhos interventivos realizados obedecendo ao sentido horário, ou seja, seguindo da esquerda para a direita utilizando como ponto de partida o antigopórtico de entrada que está localizado para a Avenida Serzedelo Correa e o corredor central em frente à capela. (Figueiras, 2023, pág. 76).

Utilizando equipamentos tecnológicos, os pesquisadores foram demarcando as áreas para melhor dividir em pequenas partes tais quadrantes, para que desta maneira não houvesse nenhum tipo de complicação nos fragmentos encontrados e, assim, facilitar o processo de limpeza e curadoria dos materiais coletados. A equipe que foi treinada para realizar as escavações seguiu as orientações do arqueólogo responsável pelo projeto no Soledade, e também teve técnicos e especialistas na área da arqueologia compondo a equipe, bem como estudantes e bolsistas de diferentes áreas do saber. Dentre os ossos encontrados nas escavações, foram surgindo dentes, alguns soltos, outros completando arcada dentária. As imagens abaixo corroboram tal fato:

Figura 43-Fragmentos de ossos



Fonte: Autoria própria

Figura 44-Dentes encontrados de maneira aleatória



Fonte: Autoria própria

Tais procedimentos de intervenção na obra ocorreram entre meados de maio a agosto de 2022, contundo, como podemos observar nas imagens aqui exposta neste item, na medida em que maquinários de grande porte adentram o solo do Soledade, muitos fragmentos e vestígios arqueológicos foram surgindo, e com isso, não seria possível dar continuidade na construção do novo muro, bem como na implantação do novo pórtico. Foram em média quatro meses que a equipe continuou a escavação e as coletas de material. Na medida em foram destacando os fragmentos de ossos e dentes, as áreas no qual fomos dividindo para melhor escavar, foram unidas e formaram um montante de vestígios ósseos. Neste momento a equipe de arqueologia se viu pressionada a resolver a situação e desocupar o espaço para a obra prosseguir, pois, a inauguração do parque cemitério seria em janeiro, de preferência em meados do aniversário da cidade, dia 12 de janeiro, e o governo estadual e prefeitura já queriam apresentar o novo projeto a sociedade belenense. A retirada do material não podia ser realizada de qualquer maneira, e assim, esse processo precisou de uns dias para se resolver. Observem as imagens a seguir.

Figura 45– Destacando os ossos para análise



Fonte: Autoria própria

Figura 46-Montante de fragmentos ósseos e dentes



Fonte: Autoria própria

Para tanto houve a necessidade de retirada dos ossos e dentes encontrados amontoados, foram destinados ao laboratório de pesquisa para do setor de Arqueologia da Universidade Federal do Pará (UFPA, no laboratório de pesquisa Denise Schaan. O restante deles foram “preservados” no local. Os trabalhadores auxiliaram a equipe na retirada do material, fizeram a retirada de maneira improvisada, a retirada foi realizada em blocos, e colocados em caixotes para melhor locomoção a universidade.

Figura 47- Coleta de material para laboratório



Fonte: Autoria própria

Figura 48- Coleta de material – segunda parte



Fonte: Autoria Própria

Figura 49– Curadoria dos ossos no laboratório Denise Schaan



Fonte: Autoria própria

Os ossos ainda estão à disposição da UFPA, pois, o processo de curadoria e análise dos vestígios necessitam de mais tempo para trazer respostas aos questionamentos, referentes a origem dessas pessoas e, interpretar como foi sepultado. Pela análise dos dentes, por exemplo, é possível saber quais os aspectos de alimentação, a saúde bucal, etc. Ainda em campo, profissionais da área da bioarqueologia estiveram no Soledade, e com isso, foi possível um diálogo estes especialistas que explicaram tais aspectos no processo de investigação acerca de tais ossos e dentes, pois, é área que possibilitará tais inferências, no entanto, esta etapa, ainda não foi concluída.

Figura 50-Curadoria ossos e dentes



Fonte: Autoria própria

Interessante observar diante das imagens e das informações até aqui destacadas, a maneira como tais ossos foram encontrados sepultados, não conseguimos saber ao certo, os motivos que levaram tais agentes sociais, ou melhor, os corpos dessas pessoas serem depositados sem que houvesse direito a um sepultamento digno.

Antes dos materiais serem retirados do local, em uma das visitas a campo, nos deparamos com dez escavações realizadas pelos funcionários da empresa contratada para realizar a obra no cemitério, segundo informações do coord. De campo, os procedimentos estavam totalmente fora do padrão, os restantes de tijolos, areia, foram jogados em cima dos ossos e de outros vestígios de maneira indevida.

Figura 51-Descarte indevido de resíduo da construção



Fonte: Autoria própria

Figura 52-Escavações realizadas de maneira indevida



Fonte: Autoria própria

Figura 53– Escavações realizadas de maneira indevida



Fonte: Autoria própria

Ao todo contabilizando nesta parte do cemitério entre as áreas A, B e C, foram dezenove escavações, este processo é importante para que possa ser feita a implantação das sapatas para escavação. Nas demais escavações que compete esta área do cemitério encontramos outros fragmentos arqueológicos. O material coletado nas intervenções arqueológicas no Soledade em sua maioria é composto de azulejo histórico, cerâmica, vidros, louças utilitárias e outros materiais construtivos como tijolos e metais (Figueiras, 2023).

Tais como nas imagens abaixo:

Figura 54- azulejos históricos



Fonte: Renata Maia

Figura 55- Pedacos de vidro e cerâmica



Fonte: Renata Maia

Figura 56– Fragmentos de tijolos e azulejos



Fonte: Autoria própria

Após a etapa de escavação, os materiais encontrados, foram coletados, etiquetados, e colocados dentro de saco plástico transparente, muitos dos vestígios encontrados, tais como azulejos, fragmentos de garrafas e sepulturas, passaram pelo processo de curadoria no próprio cemitério, eles foram limpos, e organizados em basquetas, a outra parte foi destinada para o Museu do Estado (MEP), para prosseguir com as etapas de curadoria, higienização e seleção dos materiais, para serem expostos no Soledade após a requalificação e apresentar o novo projeto para a sociedade. Assim, a curadoria é o tratamento gerador da base de dados sobre o material arqueológico e todo o tratamento subsequente (Figueiras, 2023).

Figura 57– Coleta de vestígios arqueológicos



Fonte: Gustavo Vinhote

Figura 58 – organização dos vestígios coletados



Fonte: Autoria própria

Os materiais utilizados para as etapas de escavação foram; colher de arqueologia, pinças, bisturi, estilete, vários tipos de pinces, peneira, balde, pá, bastão de medida, prancheta, papel metilado, lapiseiras, 05 e 03, para a elaboração de desenhos, trena, elástico, ferro de cova, nível de bolha, vários sacos zipados para organização do material.

3.3. Participantes

A seguinte dissertação envolveu um total de 13 participantes, que foram organizados em dois grupos distintos, sendo o primeiro composto por mulheres, pertencentes ao grupo dos feirantes ao redor do cemitério da Soledade, e o segundo por

homens, também inerentes a esse coletivo. Todos os participantes responderam ao questionário constado no anexo ao término deste documento.

Tabela 1- Participantes

Identificação	Idade
A1	61
A2	71
A3	62
A4	46
A5	65
A6	50
A7	48
M1	49
M2	45
M3	51
M4	60
M5	59
M6	67

Fonte: Autoria própria

As participantes mulheres deste projeto tem entre 46 e 71 anos, quando houve a entrevista. Uma participante tinha 46 (A4), uma 48 (A7); uma 50 anos (A6), uma 61 (A1), uma 62 (A3), uma 65 (A5), uma 71 (A2). As idades dos participantes do gênero masculino variam entre 45 e 67 anos. Um tinha 45 (M2), um 49 (M1), um 51 (M3), um 59 (M5), um 60 (M4), um 67 (M6).

Tabela 2- Organização por idade, escolaridade e gênero

Participante	Idade	Escolaridade	Gênero
A1	61	Superior completo	Feminino
A2	71	Alfabetização	Feminino
A3	62	Ensino Fundamental Completo	Feminino

A4	46	Ensino Fundamental Incompleto	Feminino
A5	65	Ensino Fundamental Incompleto	Feminino
A6	50	Ensino Médio Completo	Feminino
A7	48	Ensino Fundamental Completo	Feminino
M1	49	Ensino Fundamental Incompleto	Masculino
M2	45	Ensino Fundamental Incompleto	Masculino
M3	51	Sem formação	Masculino
M4	60	Ensino Médio Completo	Masculino
M5	59	Ensino Médio Incompleto	Masculino
M6	67	Sem Formação	Masculino

Fonte: Autoria própria

No quadro acima pode-se ver que o índice de escolaridade dos participantes varia, dois do gênero masculino não tem formação alguma (M3 e M6). Entre os homens, três (M1, M2 e M5) possuem Ensino Fundamental Incompleto e um (M4) Ensino Médio Completo. Entre as participantes do gênero feminino, uma completou a Alfabetização (A2), duas tem Ensino Fundamental completo (A3 e A7), duas Fundamental Incompleto (A4 e A5), uma Médio Completo (A6) e a única que detém nível superior completo é A1.

3.3. Benefícios da pesquisa

A participação dos feirantes nessa pesquisa visa a compreensão da relação do espaço cemiterial com o trabalho destes indivíduos ao redor do local. Tencionamos com a pesquisa, assim, conscientizar os feirantes acerca da importância do Soledade como um patrimônio cultural material e imaterial. Daí então, a necessidade de se preservar o cemitério, pois ele é um lugar rico, que detém história sobre a cidade de Belém; o Soledade apresenta arte e cultura sendo, por essa razão, considerado, ainda hoje, séculos após o seu surgimento, um parque aberto.

3.4. Riscos da participação:

A fim de evitar qualquer constrangimento aos participantes da pesquisa e riscos referentes à exposição aos indivíduos do seu círculo social, tomamos a precaução de deixá-los anônimos, respeitando a privacidade e a sua consequente integridade, organizando as opiniões em letra maiúsculas, diferenciando-as em pontos negativos ou positivos. Também foi crucial apontar que a participação seria voluntária e que as informações seriam utilizadas unicamente para a pesquisa acadêmica.

3.5 Critérios de sistematização em campo:

Os critérios de sistematização da pesquisa arqueológica em locus no cemitério da Soledade e na feira da Batista Campos estão organizados no quadro 3 abaixo:

Tabela 3- Critérios de sistematização

	Objetivos	Data
Reconhecimento da área de estudo – Cemitério	Conhecer a área de estudo e registro de fotos.	10/01/22 a 15/12/22
Reconhecimento da área de estudo – Feira da Batista Campos	Realizar entrevistas com os feirantes e consumidores e registro de fotos.	10/08/22
Coleta de dados secundários Cemitério	Participação nas escavações, e registro de fotos.	04/05/22 a 16/09/22
Coleta de dados secundários Feira da Batista Campos	Aplicar formulários e realizar entrevistas.	13/01/2023

Fonte: autoria própria

3.5. Critério de Inclusão dos participantes:

Este trabalho adotou como critério de inclusão os feirantes que trabalham em torno do cemitério da Soledade e que optaram por responder as questões da entrevista.

3.6. Critério de Exclusão dos participantes:

Este estudo adotou como critério de exclusão aqueles feirantes que não trabalham em volta do cemitério, assim como aqueles que não quiseram responder aos questionamentos das entrevistas. Também excluímos da entrevista os devotos, os trabalhadores que estiveram na requalificação e os outros pesquisadores de campo.

3.7. Procedimento

O procedimento da pesquisa envolveu o reconhecimento da área geográfica onde o cemitério da Soledade está localizado, a partir da observação empírica, de registros de

fotografias, de anotações em uma espécie de diário de bordo; também houve a participação nas escavações e curadorias dos vestígios arqueológicos encontrados, tais como azulejos, fragmentos de cerâmica, ossos, dentes, garrafas, vestígios de carvão. Além disso, também foi criado o formulário de entrevistas com os feirantes e a pesquisa bibliográfica de suma importância para elaboração deste projeto.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como já pontuamos, a investigação acerca do Soledade não pode ser feita de forma isolada, posto que ele não existe sozinho, em seu entorno há elementos que se interligam através de uma rede de informação.

A feira livre é um fenômeno onde podemos encontrar vários elementos interagindo entre si, causando uma dinâmica particular em meio e ao redor dela, pois todos os elementos encontrados próximos ao local influenciam no seu funcionamento. Deste modo, partindo de uma visão sistêmica baseada, também, na interdisciplinaridade, a interação desses elementos nos mostra uma estrutura complexa, ao qual se desencadeia numa grande rede informacional de amplo fluxo de pessoas e produtos.

Assim, diante de um cenário rico em trocas de informação ocorrem as feiras. Sobre elas, é importante ressaltar que,

Encontramos nas feiras uma organização e uma desorganização do espaço de produção baseada em uma dinâmica social um espaço de serviço que não é formado apenas pelo material, mas também pelo imaterial, com suas cores, seus sons, odores e movimentos. Nelas, múltiplas relações sociais se entrelaçam causando desde a estranheza com os outros até o estreitamento de laços afetivos de companheirismo e solidariedade (Medeiros, 2010, p. 108)

Assim, podemos perceber uma organização e desorganização existente nesses ambientes. Com isso, estes conceitos nos ajudam a construir o pano de fundo para o entendimento do comportamento sociocultural dos agentes (feirantes, vendedores, compradores, promesseiros, devotos, artistas, estudantes) com os produtos encontrados na feira.

No que concerne à concepção sistêmica, vimos que a feira livre e o Cemitério da Soledade são sistemas abertos, isto é, existe troca de informação dentro e fora do espaço cemiterial com os elementos existentes ao redor dele, tais como, carros, as outras bancas de variados produtos, as bicicletas, o tráfego dos transportes, etc. Todo esse movimento tem influência da feira livre, portanto, são através destes objetos que podemos caracterizar este fenômeno sistêmico por meio das relações entre as partes e o todo, que integrado a um meio de forma equilibrada, surge a ideia de sistema:

Um conjunto de elementos, no qual não se evidenciam as interações entre as partes, não pode ser considerado como um sistema e é passo a passo, colocando-se juntos elementos cujas características mantêm-se as mesmas, quer sejam dentro ou fora do conjunto, valendo-se então para ele o princípio da somatividade. Já sistema, como totalidade de partes com suas inter-relações, constitui-se instantaneamente e não só a característica dos elementos dependem o das relações específicas no interior do complexo. (De Vasconcelos, 2002, p. 199)

Logo, entende-se que os fenômenos da feira e do cemitério tem como características dos sistemas complexos vários elementos que formam uma rede informacional e complexa, visto que é um conjunto cheio de elementos interagindo entre si. Todos esses elementos são as *affordances* que estão presentes no meio ambiente e vão criando o pano de fundo desses espaços.

A partir do viés filosófico sistêmico a pesquisa compreende que surge um todo complexo, no qual nos leva ao diálogo com diferentes áreas do conhecimento. Ter várias perspectivas de tais fenômenos é de suma importância para conhecer a história e a memória de um povo, de uma comunidade e de diferentes culturas.

Vale ressaltar que a pesquisa consistiu em compreender como funciona a dinâmica que se instaura dentro da feira livre da Batista Campos, bem como a relação da mesma com o espaço cemiterial. Vejamos as imagens abaixo referentes à feira ao redor do Soledade:

Figura 59- Barraca de frutas



Fonte: autoria própria

Figura 60-Barracas Variadas



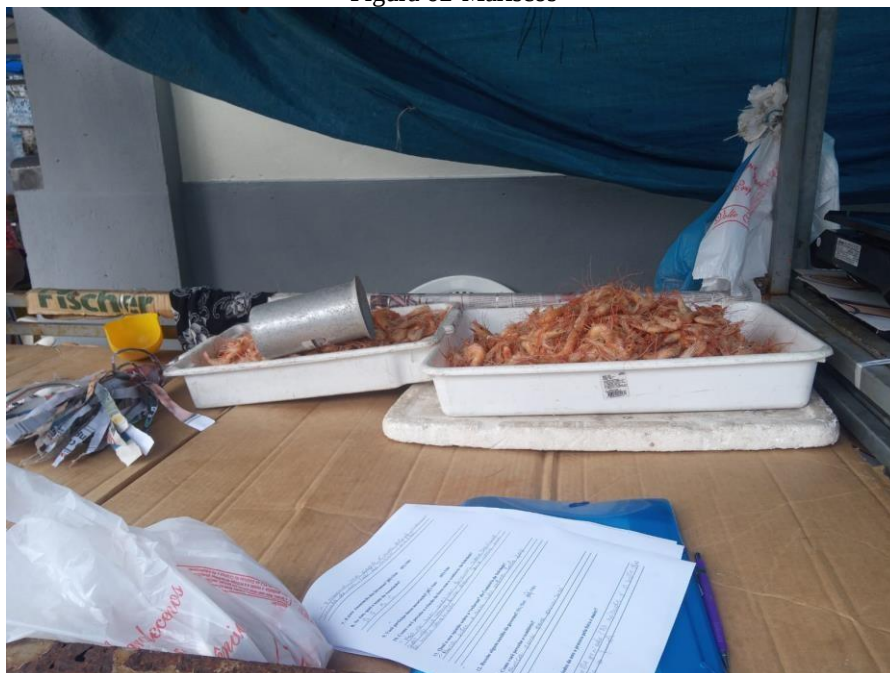
Fonte: autoria própria

Figura 61-Barraca de farinha



Fonte: autoria própria

Figura 62-Mariscos



Fonte: autoria própria

Figura 63-Barraca de verduras



Fonte: autoria própria

Percebe-se nas imagens acima que os feirantes pertencentes à essa rede vendem vários tipos de produtos: frutas, farinha, verdura, mariscos, pupunha, peixe salgado, café da manhã etc. Muitos deles moram no interior, como Bragança, Castanhal, Muaná, e vem à cidade com antecedência afim de se organizarem. Necessário frisar que o

funcionamento da feira da Batista Campos é peculiar, haja vista que não ocorre todos os dias da semana, apenas às sextas, sábado e domingo, das sete horas às 13:30h.

Entrementes, para que ela aconteça, um dia antes há uma organização. Vejamos o quadro abaixo:

Tabela 4- Organização da feira

Participante	Função	Resposta
A5	Representante dos feirantes	A feira se organiza dessa forma, porque quando a feira começou, era uma feira de produtor. Os produtores traziam as suas produções para vender na cidade aos finais de semana, mas muitos já morreram ou venderam suas barracas, modificando a formação inicial.
M5	Montagem das barracas	Venho sempre um dia antes para organizar a feira.

Fonte: Autoria Própria

Conforme consta na tabela 4 acima, há uma organização entre os feirantes: a representante A5 resolve as questões burocráticas e concede voz às opiniões gerais dos participantes; o montador das barracas, M5, ao qual está presente sempre às quintas-feiras com o intuito de montar o local onde cada feirante irá ficar nos dias seguintes.

Isto posto, é interessante questionar a relação e a opinião dos trabalhadores da feira com relação à restauração e à requalificação do Soledade, haja vista que a pesquisa considera ser imprescindível o modo como percebem o espaço cemiterial, se a reforma é positiva ou negativa para a feira. São questionamentos pertinentes à pesquisa, as quais levam em consideração a dinâmica informacional dessas relações.

Tabela 5- Ponto de vista dos feirantes

Participantes	Opinião	Ponto de vista
---------------	---------	----------------

A4	Eu tô achando que eles querem tirar nós daqui, no meu ver eles poderiam fazer um box com uma pia para ajudar nós, eles querem que a gente passe para Dr. Moraes, mas como se a entrada vai ser por aí agora, então no meu ver eles não querem tirar nós aqui.	Negativo
A2	Não tenho relação com o cemitério, não penso sobre, mas eu acho que vai melhorar as vendas, porque muita gente tá vindo para visitar, e aí acabam parando aqui com a gente pra comprar frutas.	Positivo
M3	Não sei te explicar a relação, mas eu acho bom o cemitério virar um parque aberto, é bom pra nós, porque chama freguesia, a reforma está indo, mas falta muita coisa a ser feita, eles disseram que vão entregar ainda esse ano, eu estou na expectativa, porque no meu ver as vendas vão dobrar.	Positivo
M6	Antes a situação era de anseio, pois havia muito vandalismo, uso de drogas, prostituição, pois o cemitério estava abandonado e com isso estávamos à mercê dessas pessoas, fora que dava muita formiga, por conta das árvores elas passavam para as barracas e acabavam prejudicando as vendas, as frutas e hortaliças, tinha muito mosquito, porque aí dentro tinha muita água parada, eu peguei dengue e muitos colegas aqui pegaram também, aí fizemos um abaixo assinado para prefeitura com três mil assinaturas para que ele pudessem vir verificar e tomar alguma providência, por isso ao meu ver a reforma foi benéfica, eu espero mais clientes por conta da visitação ao Soledade.	Positivo

M1	Pra mim é bom ruim, porque tiraram o nosso banheiro que ficava dentro do depósito, disseram que iam nos ajudar, mas até agora nada, a prefeitura alugou uma casa para ser o depósito, mas, o contrato é só de um ano, e quando acabar? Como a gente vai ficar? Eles fizeram isso aí pra gringo, a verdade é que eles estão nem aí pra nós, vimos a planta do projeto em uma reunião com a gente, é muito lindo o projeto e lá estava que a feira ia ser beneficiada também, mas olha aí só pintaram a calçada.	Negativa
----	--	----------

Fonte: Autoria Própria

Como pode ser visto na tabela 5 acima, uma parte dos feirantes veem positividade na reforma do cemitério; A2 e M3, por exemplo, sugerem que a revitalização trará melhorias para a venda, porque “chamará” mais fregueses; somente M6 relaciona a reforma do Soledade com a saúde física dos feirantes, já que houve caso de dengue entre eles, que pode ser associado à água parada e à falta de higienização do local. Em sua maioria, estes acreditam que a sua efetivação garantirá melhorias não só à feira, mas à sociedade. Ao menos M6, dentre os participantes de compreensão positiva, consegue enxergar o parque aberto que o Soledade realmente é.

Por outro lado, os que encararam pelo viés negativo entendem que a prefeitura e o governo do Estado querem tirá-los de lá afim de invisibilizarem a sua existência como trabalhadores. Já estes alegam o descaso do poder público com a feira e defendem que não apenas o Soledade deve ser valorizado, mas a própria feira e os feirantes.

Outro elemento importante de ser citado é a questão de higiene. Vimos que para a criação de um cemitério a céu aberto foi necessária uma política de higienização, como já relatado anteriormente, os sepultamentos não poderiam mais ocorrer dentro das igrejas ou arredores, justamente pela questão de insalubridade, uma vez que, nesse período assolou muitas crises epidêmicas e surge, portanto, a necessidade de construir um lugar mais preparado e seguro para não haver contaminação, pois o corpo sem vida passa pelo processo de putrefação. Tal elemento contribui para compor o todo complexo sistêmico, haja vista que as noções de higiene são aspectos culturais simbólicos a partir dos processos de desenvolvimento, de urbanização, de uma visão não apenas religiosa, mas num processo de secularização.

Na obra de Mary Douglas, intitulada, *Pureza e perigo*, especificamente no terceiro capítulo, *As abominações do Levítico*, a autora traz uma reflexão importante diante do que é considerado puro, limpo, saudável e aceito moralmente, assim como, ela descreve também, sobre o que é perigoso e sujo. A partir da análise de Mary Douglas é possível impor determinados padrões com relação a ordenação no funcionamento do ambiente, partindo de parâmetros simbólicos e de preceitos religiosos como o antigo testamento.

A poluição é um fenômeno isolado. Só existe por referência a uma ordenação sistemática das ideias. Seria, pois, um erro considerar isoladamente cada uma das regras relativas à poluição numa cultura que não a nossa. As noções de poluição apenas fazem sentido no contexto de uma estrutura total do pensamento cuja pedra angular, os limites, as margens e os movimentos internos estão ligados uns aos outros pelos ritos de separação. (Douglas, 2020, pág. 35)

Nota-se que a separação entre o que é sujo, impuro ou perigoso para a saúde, ou mesmo para o desenvolvimento de ideias higiênicas, está inteiramente ligada a cultura, ou melhor, a uma variedade de culturas que junto a essa dinâmica ou fenômeno cultural trazem padrões de comportamentos que irão moldando os indivíduos em sociedade, tanto no seu ambiente privado, no que diz respeito a própria alimentação de tais indivíduos, bem como no âmbito público.

Vimos que o Soledade está localizado no centro de Belém, num bairro considerado nobre e ao entorno do mesmo está a feira livre do bairro da Batista Campos. Tendo isso em vista, uma questão que surge é: Como é possível essa dinâmica, se o cemitério pode trazer a ideia de imundice e numa feira se comercializa alimentos diversos?

Antes mesmo de ser requalificado, a feira já estava ali, na calçada deste campo santo, contudo, o cemitério já não recebia mais nenhum agente social para ser sepultado. Mediante a isso, a questão de insalubridade é “apagada” no que se refere às vendas de alimentos e até mesmo no processo de funcionamento da feira, não levando em consideração a impureza dos alimentos, advindas do lado dentro do cemitério.

Portanto, para Douglas, é preciso compreender a relação entre ética, moral e religião, no que refere as noções de pureza e de perigo, que ademais são formas simbólicas construídas estruturalmente no interior de um sistema de ideias, no qual devem necessariamente fazer sentido em relação ao conjunto. E tais ideias tem de ser socialmente aceitas para que haja uma interação simbólica entre as partes. Portanto, é possível inferir que as pessoas que ainda frequentam e compram os alimentos ali expostos não consigam

ver da forma anti-higiênica, pelo fato de não encaram o cemitério como um lugar de ameaça à saúde, porque o Soledade já tomou outra configuração, não trazendo mais perigo da insalubridade.

Levando em consideração que a economia da cidade de Belém se baseia nas atividades comerciais, uma parcela significativa da população tem como fonte de renda o trabalho (informal) com as feiras livres. Segundo Medeiros (2010), essa realidade faz com que os diferentes atores sociais lutem, cada vez mais, pela inclusão das suas atividades na cidade e pela valorização do seu funcionamento; por essa razão, supomos que as opiniões negativas de A4, E M1 referentes à revitalização do cemitério apresenta profunda relação com a vontade de reconhecimento do seu espaço de trabalho que, por si só, expressa um amplo sentido:

Além de sua importância econômica como elemento estruturador das relações de troca que permeiam esses espaços, esse mesmo trabalho pode ser entendido como um ato político, no qual o seu reconhecimento, por parte dos demais atores sociais, fortalece os laços entre o feirante e o seu “território de trabalho” (Medeiros, 2010, p. 9).

Os feirantes, ao se aterem à ideia da coletividade, atrelam a sua existência ao espaço cemiterial. Estas relações sociais existentes nos ambientes se estendem às projeções idealizadas pelos agentes e são materializadas no local. Nesse sentido, “o território configura-se como elemento intrínseco deste jogo, uma vez que o *público* passa a se confundir com o *coletivo*” (Medeiros, 2010, p. 09), daí surge como consequência o fato de que o espaço acaba sendo pensado de acordo com as necessidades de determinado grupo, o que nem sempre é algo positivo.

Figura 64-Grupo de feirantes envolta do Soledade



Fonte: Autoria própria

A fim de que o Soledade não seja encarado como um objeto que atenda às necessidades de apenas um grupo, tornou-se essencial, durante a presença da equipe de arqueologia, ações inclusivas, que comportassem uma educação patrimonial acerca da história e da riqueza encontradas no cemitério da Soledade.

A principal intenção era manter um diálogo dos setores públicos e governamentais (encarregados de manter a consciência coletiva da cidade) com os feirantes, devotos e indivíduos ao redor do cemitério, guiando-os de modo a fazê-los entender a necessidade da preservação do Soledade.

De acordo com Figueira (2023), houve a educação patrimonial no Soledade, quando a equipe de arqueologia foi chamada para compor as pesquisas no sítio. As abordagens metodológicas utilizadas foram baseadas na interdisciplinaridade, ou seja, contou-se com uma equipe de profissionais de áreas distintas, porém sintonizadas em um só objetivo. Segundo o autor:

Em um primeiro momento, houve a instrumentação teórica a partir do estudo preliminar sobre o histórico do Cemitério da Soledade; levantamento bibliográfico de pesquisas publicadas tendo o Soledade como objeto de estudo; visita de reconhecimento ao local pela equipe técnica responsável pela pesquisa arqueológica e pelas ações educativas. Durante esta visita, foi constatada a existência de uso atual das dependências do cemitério por um grupo de pessoas que se reúne semanalmente ou comparece de forma individual para realizar orações, levar oferendas e acender velas ou alimentar animais que fazem morada no campo santo (Figueira, 2023, p. 74).

Como já exposto, a pesquisa apontou os aspectos positivos e negativos tendo em vista o ponto de vista dos feirantes em relação a requalificação do Soledade. Por isso, a

importância de se incluir tais agentes sociais na discussão do projeto de reforma do cemitério, pois eles se sentem pertencentes ao local. Incluí-los na educação patrimonial foi relevante, assim, para elucidar melhor a importância do Soledade a esse grupo social.

O Cemitério da Soledade é um patrimônio cultural, neste sentido, tudo que está dentro e ao redor se faz necessário ao seu entendimento, porque é o que nos leva a compreender como determinadas relações sociais vão se forjando diante desses fenômenos, e de diferentes formas, levando em consideração as suas peculiaridades e suas vivências. Cada ente que se apresenta nesse espaço está carregado de informações e por meio das interações pode criar as partes e completar um todo complexo.

Por isso a feira e o cemitério precisam de um olhar diferenciado, posto que são espaços ricos em informações e interações de produtos e pessoas. Essa diversificação proporciona um espaço de troca de conhecimentos, relações interpessoais a partir dos laços de solidariedade entre feirantes e fregueses, promesseiros, vendedores de vela, religiosos, artistas, tornando cada vez mais rica a cultura da cidade de Belém, mediante as experiências trocadas pelos agentes sociais que resistem com muita luta a um mercado tão adverso à sua realidade. Manter a memória, a história e a cultura foram essenciais ao olhar desta pesquisa.

Esta dissertação de mestrado, portanto, teve como um dos objetivos analisar a relação feira e Soledade, numa perspectiva filosófica com base na teoria dos “Sistemas Complexos” trazendo um panorama sistêmico, onde foram analisados os conceitos básicos da teoria complexa para, com isso, identificar na feira livre e no espaço cemiterial tais elementos que condizem com a teoria dos sistemas.

Ambos os cenários forjam um pano de fundo aberto e rico em ruídos ao qual se organiza para o funcionamento de tais fenômenos culturais e patrimoniais que vão compondo os cenários, assim como as vivências dos agentes sociais, vem a ser primordial, afinal o ser humano, além de racional é um sujeito histórico, forjado pela linguagem e símbolos que vão constituindo hábitos, costumes, tradições, criando e que desenvolve a cultura em um meio complexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo foi concebido com o propósito de abordar a seguinte questão-problema: qual a relevância de um estudo interdisciplinar sobre o Soledade baseado na visão sistêmica da teoria dos sistemas complexos para se entender a relação do cemitério com os feirantes ao seu entorno? Isto posto, a pesquisa foi de caráter interdisciplinar a partir da teoria dos sistemas complexos, que trouxe um olhar filosófico e conversou com a área da arqueologia, bem como da antropologia, a fim de melhor compreender a dinâmica das relações sociais com o patrimônio e a história do Soledade, localizado no centro da cidade de Belém, onde, ao entorno encontra-se a feira livre da Batista Campos, e juntos completam um todo fenômeno sistêmico e informacional.

Foram entrevistados os trabalhadores que atuam na feira para melhor compreender a relação desses dois elementos que compõem a cultura do patrimônio não só material, mas imaterial. Com auxílio de uma vasta pesquisa bibliográfica sobre o cemitério da Soledade e sua construção, foi realizado um levantamento histórico, analisando suas peculiaridades, partindo da observação empírica e de anotações das etapas de requalificação. Desde o processo da coleta de dados, curadoria e entrevistas foi possível perceber e entender melhor a dinâmica cemitério-feira livre.

E, claro: não se pode deixar de lado as impressões ou interpretações acerca da morte, pois é a partir deste fenômeno tão presente nas nossas vivências, que somos capazes de perceber o quão cheia de sentido a vida é nas suas situações e circunstâncias. Se tivéssemos a eternidade para realizar nossos sonhos e desejos, seríamos tão persistentes nesse processo? Uma vez que somos finitos e as cortinas desse espetáculo - que é a vida - se fecharão em algum momento, as pessoas precisam seguir a caminhada em busca de melhorar a si e a relação com os outros.

Devemos nos lembrar que um dia partiremos, pode ser mais libertador!

As filosofias estoicas ensinam que sobre aquilo que não temos controle é melhor não nos angustiarmos e um dos principais fenômenos incontroláveis conhecidos é a morte. Não sabemos como nem quando partiremos, porém, podemos controlar a nossa forma de ver e encarar o mundo.

Como foi exposto no presente trabalho, até diante da morte as pessoas abastadas que faziam parte do contexto da bela época, no qual muitos barões foram sepultados no Soledade, materializavam com requinte e pompa a sua saudade e os sinais de gratidão.

A pesquisa não objetiva fechar tal análise, muito pelo contrário: a presente dissertação é só mais uma parte deste todo complexo, que se faz presente na vida social de trabalho, e, porque não dizer, de cultura, lazer, arte, elementos que alimentam não só o conhecimento, mas também a alma?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelina. Arte tumularia na virada do oitocentos: art nouveau nos cemitérios seculares. **Anais do XXIV Colóquio do CBHA**. Belo Horizonte, 2004.

AMORIM, Érica da Sila. **O cotidiano da morte e secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850/1891)**. São Paulo: PUC. Março, 2005.

BARRIGA, Leticia; PARAENSE, Marlon. Os braços misericordiosos: igreja, irmandades religiosas e secularização no processo de enterramento da Belém oitocentista (1850-1891). **Seo**, v.3, n.1, Niterói, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **A cerimônia do adeus: seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre**; Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Trabalho original publicado em 1974).

BERTALANFY, Ludwig Von. **Teoria Geral dos Sistemas**. Ed. Brasília: Vozes, 1975.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano Novos escritos Sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTRO, Elisiana. Cemitérios, nosso patrimônio nacional: a ação do IPHAN com relação ao patrimônio funerário brasileiro. 2008.

CASTRO, Leonardo. A escravidão no Pará: contexto, singularidades e impactos.

DA SILVA, Diego. A Grande epidemia de febre amarela em Belém do Grão Pará. In: XVII Seminário nacional de história da ciência e da tecnologia. **Anais Eletrônicos**, n. 17, UNIRIO, 2020.

DA SILVA OLIVEIRA, Flavio Ismael RODRIGUES, Sérgio Tosi. Affordances: a relação entre agente e ambiente. **Ciência Cognitiva**, n. 26, v. 9, p. 120-130.

DA SILVA, Valéria Maria. **O “Arte Nouveau” em Belém**. Trabalho para a obtenção da creditação da disciplina Habitação, Metrópole e Modos de Vida. EESC, São Paulo, 2005.

DE BRITO, Alessandra Martins; DOS SANTOS, Sandra Moraes Ribeiro. Aspectos religiosos, éticos e ecológicos da morte em várias culturas. *Reverdere ad Locum tuum: retorna ao teu lugar!* **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v.10, n.28, p. 125-141, 2021.

DESCARTES. **Discurso do Método**. Tradução de Paulo Neves e introdução de Denis Lerrer Rosenfield. Ed. L&M Clássicos, 2013.

DESCARTES. **Meditações Metafísicas**. Ed. Martins Fontes. São Paulo: 2005.

DE VASCONCELLOS, Maria José Esteves. **Pensamento sistêmico**. Editora Papiros, 2013.

DE SOUZA, João. Arqueologia: O que é. Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.com/o-que-e-arqueologia/>. Acesso em: 16 junho 20024.

DIANA, Daniela. Romantismo. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/romantismo/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

D'OTTAVIANO, I. M. L.; BRESCIANI FILHO, E. Auto-organização e criação. **Revista Multiciência**. São Paulo, v.3, 2004.

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de paisagem em Arqueologia – Os lugares persistentes. **Holos Environment**, v.9, n. 2, p. 301-313, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FERNANDES, Daniel dos Santos; FERNANDES, José Guilherme dos Santos. A “experiência próxima”: saber e conhecimento em povos tradicionais. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 127-150, 2015.

FERNANDES, José Guilherme; FERNANDES, Daniel dos Santos. *Personas e habitus*: estudo de perfis antrópicos na Amazônia oriental. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 81-111, 2018.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos; RAMOS, João Batista Santiago. O que é “Estudos Antrópicos”? *In: Estudos Antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares* (Volume 1). Organização de Carlos José Trindade da Rocha e João Batista Santiago Ramos. 1ª Edição. Curitiba: Appris, 2020.

FIGUEIRA, Otavio Vinhote. **O Patrimônio arqueológico Musealizado no museu do estado do Pará-MEP: Análise do gerenciamento e os desafios de extroversão**. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado). UFPA. Belém: 2023.

FRENZL, Norbert; MACHADO, José Alberto da Costa. A Sustentabilidade de Sistemas Complexos: Conceitos básicos para uma ciência do desenvolvimento sustentável: Aspectos teóricos e práticos. Editora NAEA, 2009.

GLOBO. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/07/12/cemiterio-da-soledade-sera-restaurado-e-transformado-em-parque-urbano-em-belem.ghtml>. Acesso em: 24.07.24

GODOY, Arilda. Pesquisa Qualitativa – Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GODOY, Wilson Itamar; DOS ANJOS, Flávio Sacco. **A importância das feiras Livres e Ecológicas: Um Espaço de Trocas e Saberes da Economia Local**. Revista Bras. Agroecológico, v. 2, n. 1, fev. 2007.

HEIDEGGER. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989a.

JUNIOR, Edson Arantes; ROSA, Gilson Soares. Espaços da morte e os usos da memória. **Revista de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia**, v.1, n.13, 2018, p. 13-21.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LACOMBE, F, Heilborn, G. **Administração: princípios e tendências**. São Paulo, Saraiva, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (Trabalho original publicado em 1977).

LOPES; R. F.; VASCONCELOS, L. M. Considerações sobre os mercados públicos: relação de sociabilidade e vitalidade urbana nas cidades. *In: colóquio [inter]nacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem*, 3., São Paulo, 2010. **Anais...** São Paulo, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Revista Norte Ciência**, Vol. 2, n. 1, 2011. p. 1-26.

MARIOTTI, Humberto. **Pensamento Complexo**. 2 ed. São Paulo. Atlas, 2010.

MEDEIROS, Jorge França. **As Feiras Livres em Belém (PA): dimensão geográfica e existência cotidiana**. Dissertação de mestrado, PPEGEO-UFPA, 2010.

MONTEIRO, Walcyr. **Viagens e Assombrações de Belém**, 6ª ed. Belém: Cromos Editora. 2012.

MORAIS, Sonia Ribeiro; GOZALEZ, Maria Eunice. A teoria Gibsoniana da percepção: contribuições para o estudo do comportamento socio-cultural. *In: Encontro com as Ciências Cognitivas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, v.5, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Editora Meridional, 2005.

. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2, ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MOTTA, Antonio. **À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2009.

MOTT, L. Feiras e Mercados: Pistas para pesquisa de campo. In: FERRETI, S. (Org.). **Reeducando o Olhar: estudos sobre feiras e mercados**, São Luiz: Edições Universidade Federal do Maranhão, 2000, v., p. 13-34.

MUCCI, Latuf Isaias. A concepção romântica de arte. **Ipotesi: revista de Estudos Literários**. Juiz de Fora, v.3, n. 1, p. 117-131, 1999.

PARAWEBNEWS. Disponível em: <https://parawebnews.com/iphan-embarga-obra-no-cemiterio-da-soledade/>. Acesso em: 18.07.24.

RODRIGUES, Elisa; SILVA, Leonardo; Santos, Diogo. O desprezo pelo Estado nas perspectivas sobre o cemitério da Soledade em Belém-PA: uma análise à luz da Antropologia das Emoções. **Equatorial**, Natal, v.10, n.18, janeiro-junho, 2023.

RODRIGUES, Paula Andréa Calluf. **DUAS FACES DA MORTE: O CORPO E A ALMA DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA SOLEDADE, EM BELÉM-PARÁ**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Patrimônio Cultural). IPHAN, Rio de Janeiro, 2014.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. Soledade: **História, Arte e Cultura**. Belém/PA. 2014. ISBN: 978-85- 915369-1-7.

_____.; RAVENA-CANETE, V. **Farinha de feira: memórias identidades de vendedores em feiras do bairro do Guamá, Belém (PA)**. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, 2015. p. 242-271. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/53150>> Acesso em 12 de agosto 2023.

REES, Dilys. Algumas considerações sobre a pesquisa qualitativa. **Signótica**, v. 20, n. 2, p. 253-274, jul./dez, 2008.

REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio. Ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Harlon Romariz. **A ESCRAVIDÃO NO PARÁ: CONTEXTO, SINGULARIDADES E IMPACTOS**. 2014. Ensaio (Ciências Sociais), Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Ceará, novembro de 2014.

SARTRE, J-P. O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica; tradução de Paulo Perdigão. 13. Ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2015. (Trabalho original publicado em 1943).

SEARLE, J.R. **O mistério da Consciência**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Sobre a brevidade da vida**. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

TEODORO, Ana Paula; DE LIMA, Elaine Cristina Mussi; FORNARI, Gabriela Araújo. Enquanto vivo, a morte me vigia: reflexões acerca do existencialismo, o fenômeno da morte e o transhumanismo. **Akrópolis**, Umuarama, v.30, n.2, p. 353-371, jul./dez, 2022.

THOMPSON, Barbara. Memória e exaltação da vida no cemitério monumental. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 27, n. 03, set/dez 2014, p. 89-107.

OLIVEIRA, Leonardo. Da igreja ao corpo santo: O nascimento dos cemitérios e o monopólio da morte no Brasil do século XIX. *In*: XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias. **Anais do Encontro Internacional**, nº 18, Rio de Janeiro, 2018.

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO A (Roteiro de entrevista com os vendedores)

(97) Não se aplica

(98) Não sabe

(99) Não respondeu

01. DADOS PESSOAIS

1.1. N° do questionário: _____ 1.2. Data: ____/____/____

1.3. Nome do (a) aplicador (a): _____

1.4. Nome do entrevistado (a): _____

1.5. Telefone: _____

1.6. Nome do (a) responsável pela barraca: _____

1.7. Bairro do (a) responsável pela barraca: _____

02. PERFIL DOS FEIRANTES (Todos os trabalhadores da barraca devem ser inseridos no quadro abaixo)

1.Nome (o primeiro deve ser o(a) responsável pela barraca)	2. Função	3. Parentesco	4. Sexo		5. Idade	6. Nat/nasc.
1°			(1) M	(2) F		
2°			(1) M	(2) F		
3°			(1) M	(2) F		
4°			(1) M	(2) F		
5°			(1) M	(2) F		

6º			(1) M	(2) F		
7º			(1) M	(2) F		
8º			(1) M	(2) F		
9º			(1) M	(2) F		
10º			(1) M	(2) F		

Códigos de preenchimento para graus de parentesco: 1 - Cônjuge; 2 - Filho(a); 3 - Mãe/Pai; 4 - Neto(a); 5 - Nora/Genro; 6 - Tio(a); 7 - Primo(a); 8 - Sobrinho(a); 9 – Agregado(a); 10 - Outros parentes; 11 - Empregado(a); 12 – Irmão(ã); 13 – Ego

PERFIL ESCOLAR DOS FEIRANTES (Todos os feirantes inseridos no quadro anterior devem constar no quadro abaixo e na mesma ordem)

Nº	S/I	Alfab.	7. Não estudantes					8. Estudantes			
			Ens. Fund. Inc.	Ens. Fund. Comp.	Ens. Médi o Inc.	Ens. Médio Comp.	Ens. Superior Inc.	Ens. Superior Comp.	Ens. Fund.	Ens. Médi o	Ens. Superi or
1º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
2º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
3º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
4º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
5º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
6º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
7º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
8º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
9º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03
10º	01	02	03	04	05	06	07	08	01	02	03

Cód. dos NÃO ESTUDAENTES: 01 – Sem instrução; 02 – Alfabetizado(a); 03 – Ens. Fundamental incompleto; 04 – Ens. Fundamental completo; 05 – Ens. Médio incompleto; 06 – Ens. médio completo; 07 – Ens. Superior incompleto; 08 – Ens. Superior completo.
Cód. ESTUDAENTES: 01 – Ens. Fundamental; 02 – Ens. Médio; 03 – Ens. Superior.

2.1. Você sempre trabalhou na feira?

(01) sim

(02) não

2.2. Se não, onde trabalhava antes?

2.3. Por que passou a trabalhar na feira?

2.4. Há quanto tempo você trabalha como feirante?

(01) 0 a 5 anos

(02) de 6 a 10 anos

(03) de 11 a 15 anos

(04) de 16 a 20 anos

(05) de 21 a 30 anos

(06) de 31 a 40 anos

(07) de 41 a 50 anos

(08) de 51 a 60 anos

(09) de 61 a 70 anos

(10) de 71 a 80 anos

(11) Mais de 80 anos

2.5. Há quanto tempo trabalha como feirante na feira da Batista Campos?

- (01) 0 a 5 anos
- (02) de 6 a 10 anos
- (03) de 11 a 15 anos
- (04) de 16 a 20 anos
- (05) de 21 a 30 anos
- (06) de 31 a 40 anos
- (07) de 41 a 50 anos
- (08) de 51 a 60 anos
- (09) de 61 a 70 anos
- (10) de 71 a 80 anos
- (11) Mais de 80 anos

2.6. A feira é a sua única fonte de renda?

- (01) Sim
- (02) Não

2.7. Se não, qual a outra fonte?

03. DADOS SOBRE BARRACA

3.1. Como você conseguiu a barraca?

- (01) Herdou da família
 - (02) Comprou
 - (03) Ganhou da Prefeitura
 - (04) Outras_
-

3.2. Qual o ramo da sua barraca?

- (01) Hortifrúti
- (02) Confeccção
- (03) Peixaria
- (04) Açougue
- (05) Aves
- (06) Barraca de refeição (Café da manhã, lanchonete e restaurantes)
- (07) Farinha (Goma, tapioca, coco seco)

- (08) Camarão
- (09) Armarinho (Papelaria, bijuteria, artigos p/ presentes etc.)
- (10) Utensílios p/ o lar (churrasqueiras, grelha, louças etc.)
- (11). Eletrônicos (Carregador, caixa de som, cabos etc.)
- (12) Ervas medicinais
- (13) Condimentos e temperos
- (14) Calçados
- (15) Petshop

3.3. Como você faz a reposição de mercadoria?

3.4. Qual o horário de funcionamento da feira? (Investigar a dinâmica da feira, quem são os primeiros e os últimos feirantes a chegar e sair.)

3.5. Como os feirantes se relacionam entre si? (Investigar a relação de amizade e concorrência entre os feirantes. De que maneira eles cooperam uns com os outros.)

3.6. Os feirantes costumam se reunir para confraternizar em datas comemorativas?

3.7. Existe Associação dos feirantes?

(01) Sim

(02) Não

3.8. Se sim, qual o nome da Associação?

3.9. Você participa dessa associação?

(01) Sim

(02) Não

3.10. Como você percebe a relação da feira com o cemitério da Soledade?

3.11. Qual a sua opinião sobre a “reforma” do Cemitério da Soledade?

3.12. Recebe algum auxílio do governo?

(01) Sim

(02) Não

3.13. Como você percebe o cemitério?

3.14. Quais períodos do ano a procura pela feira é maior?

APÊNDICE

APÊNDICE I: PROJETO DE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO CEMITÉRIO DA SOLEDADE

APÊNDICE A: Descobrimento de ossos no processo de Escavação



Fonte: Autoria Própria

APÊNDICE B: Processo de Escavação em sitio urbano



Fonte: Autoria própria

APÊNDICE C: Escavação em busca de vestígios arqueológicos



Fonte: Autoria própria

APÊNDICE D: Escavação e registro dos primeiros resíduos de ossos



Fonte: Autoria própria

APÊNDICE E: Nova descoberta de ossos



Fonte: Autoria própria

APÊNDICE F: Retirada de ossos para o laboratório



Fonte: Autoria própria

APÊNDICE G: Arte Nouveau



Fonte: Autoria própria